

Nómadas Digitais

Perfil e fatores de escolha dos destinos turísticos

Wallentina Carvalho

Dissertação de Mestrado em Turismo e Hospitalidade

Nómadas Digitais

Perfil e fatores de escolha dos destinos turísticos

Orientação: Professor Doutor Jorge Humberto Soares Marques

Janeiro, 2025



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.

IMP.GE.79.1

Wallentina Carvalho

**Nómadas Digitais
Perfil e fatores de escolha dos destinos
turísticos**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Turismo e Hospitalidade, sob orientação do Professor Doutor Jorge Humberto Soares Marques.

Departamento de Turismo, Património e Cultura
Janeiro, 2025



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Do conhecimento à prática.

IMP.GE.79.1

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que, apesar de nunca terem tido a oportunidade de frequentar a universidade, sempre fizeram o impossível para garantir o melhor para mim e para o meu futuro. Sem o vosso esforço e amor incondicional, este mestrado na Europa não seria uma realidade.

À Laide, a minha segunda mãe, que, mesmo do outro lado do oceano, esteve sempre presente com palavras de encorajamento e ajuda em tudo o que esteve ao seu alcance.

Ao meu tio Lucas, pelo apoio constante, pelos conselhos e pela força moral, como sempre fizeste em todas as etapas importantes da minha vida.

Ao meu companheiro de vida, Johannes, pela parceria, compreensão e dedicação ao longo de toda esta jornada.

Às minhas amigas Matilde e Joana, que se tornaram uma parte essencial desta experiência. Desde o primeiro dia de aulas – ainda quando a Joana estava no Brasil – estivemos unidas, enfrentando desafios, partilhando conquistas e virando incontáveis noites a escrever artigos juntas. Quando penso no mestrado, penso em nós e na felicidade de vos ter tido ao meu lado.

Ao Professor Jorge, o meu orientador, pela paciência, orientação e apoio constante. Obrigada por abraçar a ideia desta dissertação desde o início e por me guiar ao longo do caminho, mesmo diante das mudanças e dos desafios que surgiram.

A todos os professores da Universidade Portucalense e às pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta caminhada, deixo o meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

A presente dissertação pretende analisar o perfil e as motivações dos nómadas digitais e compreender melhor quais os principais fatores que influenciam a decisão de escolha dos destinos turísticos. Neste contexto, pretende-se ainda explorar com mais atenção a valorização dos espaços de alojamento (*coliving*) e de trabalho (*coworking*) frequentemente associados a este segmento turístico. A metodologia utilizada baseia-se na abordagem qualitativa, suportada pela revisão da literatura e pela aplicação de entrevistas a nómadas digitais. Os resultados destacam a relevância da conectividade e adaptações locais para atrair esse público. A pesquisa fornece diferentes perceções sobre os desafios e oportunidades que os nómadas digitais enfrentam, incluindo questões relacionadas a vistos, infraestrutura e a necessidade de espaços de trabalho adequados. Os dados recolhidos revelam que, apesar da flexibilidade e liberdade associadas ao nomadismo digital, muitos indivíduos ainda enfrentam barreiras que dificultam a experiência de alguma forma, como a solidão e a dificuldade de criar relações duradouras. Este trabalho de investigação contribui, deste modo, para um conhecimento mais aprofundado deste segmento turístico, associado aos nómadas digitais, e possibilita a identificação de propostas estratégicas para os destinos turísticos se adequarem melhor às características deste segmento turístico.

Palavras-chave: Nómadas digitais; Destinos turísticos; Alojamento; *Coliving*; *Coworking*; Fatores de escolha.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyse the profile and motivations of digital nomads and better understand the main factors influencing the decision to choose tourist destinations. In this context, we also intend to explore more closely the value of accommodation (*coliving*) and work (*coworking*) spaces frequently associated with this tourism segment. The methodology used is based on a qualitative approach, supported by a literature review and the application of interviews with digital nomads. The results highlight the relevance of connectivity and local adaptations to attract this audience. The research provides different insights into digital nomads' challenges and opportunities, including visa issues, infrastructure, and the need for suitable workspaces. The data collected reveals that, despite the flexibility and freedom associated with digital nomadism, many individuals still face barriers that inhibit the experience, such as loneliness and difficulty creating lasting relationships. This research work thus contributes to a more in-depth knowledge of this tourist segment associated with digital nomads. It enables the identification of strategic proposals for tourist destinations to better adapt to the characteristics of this tourist segment.

Keywords: Digital nomads; Tourist destinations; Accommodation; *Coliving*; *Coworking*; Choice factors.

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
ÍNDICE DE TABELAS.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1. A atividade turística à escala global.....	12
2.2. Fatores de mudança e principais tendências no turismo.....	14
2.3. O impacto da COVID-19 nas viagens e no trabalho.....	17
2.4. Conceito de nomadismo digital.....	19
2.4.1. A <i>gig economy</i> e o seu contributo para o nomadismo digital.....	22
2.5. A interligação entre turismo e nomadismo digital.....	25
2.6. O perfil do nómada digital.....	27
2.6.1. O contexto do alojamento partilhado e dos espaços de <i>coliving</i> e de <i>coworking</i>	29
2.6.2 Fatores determinantes na escolha de destinos turísticos.....	34
3. METODOLOGIA.....	39
3.1. Objetivos da investigação.....	41
3.2. Instrumentos de recolha de dados.....	42
3.3. Desenvolvimento do guião da entrevista.....	44
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	48
5. CONCLUSÃO.....	74
5.1 Limitações e investigações futuras.....	77
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS.....	83
Anexo I - Roteiro de perguntas – questionário semiestruturado.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19 — Corona Virus Disease 19

PIB — Produto Interno Bruto

ONU — Organização das Nações Unidas

TI — Tecnologia da Informação

UNWTO — United Nations World Tourism Organization

WTTC — World Travel and Tourism Council

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01 — Objetivos da pesquisa	40
Tabela 02 — Perfil dos Entrevistados	46
Tabela 03 — Categorias da entrevista	48

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o nomadismo digital ficou em evidência, principalmente após as mudanças trazidas pela pandemia da COVID-19. O estilo de vida do nómada digital reflete não só uma nova forma de trabalhar, mas também um modo de vida que valoriza a flexibilidade, a liberdade e a procura por experiências únicas e diferenciadoras. A mudança digital, impulsionada pelo cenário da pandemia, permitiu que muitas pessoas adotassem o trabalho remoto de modo a ultrapassarem as restrições impostas ao modelo tradicional que trabalho presencial que se verificara na altura. A partir daí, esta tendência de trabalho remoto ganhou ainda maior expressão. A este propósito, Kuthalingam (2024), refere que as expectativas de trabalho de colaboradores, *freelancers* e empreendedores estão a mudar, havendo maior rejeição aos sistemas de trabalho tradicionais. Como resultado, o número de profissionais que viajam pelo mundo como nómadas digitais cresceu, estabelecendo hábitos profissionais em ambientes que promovem o equilíbrio entre vida pessoal e a profissional.

A capacidade de trabalhar remotamente, desde que um computador e uma ligação à internet estejam disponíveis, levou muitas pessoas a adotar um estilo de vida nómada, viajando pelo mundo e vivendo sem um local fixo. Essa decisão mostra um desejo por um melhor equilíbrio entre a vida pessoal e a profissional, com o trabalho mais interligado com atividades de lazer e oportunidade de conhecer novos lugares. Desta forma, os trabalhadores têm a capacidade de escolher os seus locais de trabalho de acordo com seus interesses pessoais, em vez de estarem limitados a horários fixos e locais predeterminados pelos empregadores (Kuthalingam, 2024).

Em 1997, muito antes de todo este progresso tecnológico acelerado, Makimoto e Manners escreveram no seu livro “Digital Nomad” sobre como as redes sem fios de alta velocidade e os dispositivos móveis de baixo custo iriam romper a ligação entre ocupação e lugar. À medida que os novos estilos de vida desterritorializados, isto é, são independentes da localização e de uma relação sedentária, estão sendo implementados, os antigos paradigmas de trabalho e habitação transformaram-se, resultando no surgimento de opções criativas de vida comunitária, como por exemplo os espaços *colivings* (modelo de moradia compartilhada) e *coworkings* (espaço físico compartilhado).

Para sobreviver num ambiente de consumo em transformação, as organizações tiveram de reconfigurar as suas estratégias, adaptando-se rapidamente às novas

realidades económicas (Cardoso et al., 2023). Nesse contexto, os nómadas digitais, conforme definido por van den Broek et al. (2024), são motivados pela autonomia e flexibilidade, procurando equilibrar experiências de trabalho e lazer enquanto melhoram o seu bem-estar pessoal.

Os nómadas digitais distinguem-se pela autonomia e flexibilidade que os seus trabalhos proporcionam, permitindo que os indivíduos escolham como, onde e por quanto tempo trabalham (van den Broek et al., 2024). Essa independência é crítica para equilibrar trabalho e vida pessoal, o que tende a resultar numa considerável melhoria no bem-estar. Além disso, essa dinâmica beneficia as empresas ao permitir que elas contratem esses trabalhadores motivados, focados e até mesmo criativos, resultando num ambiente de trabalho mais produtivo e inovador.

Outro ponto a ser considerado nesta análise, é que empregar trabalhadores remotos, especialmente para tarefas mais simples, demonstrou ser financeiramente benéfico. As empresas podem se beneficiar de um conjunto diversificado de habilidades, ajustando-se rapidamente às dinâmicas de procura do mercado, diversificando as equipas e reduzindo os gastos associados à necessidade de ter trabalhadores fixos a trabalhar em projetos temporários (van den Broek et al., 2024). O efeito também é favorável para os lugares - países ou cidades - que atraem esses trabalhadores, visto a economia local beneficiar da presença de nómadas digitais devido à maior procura por alojamento de curta e média duração e outros serviços, como transportes, cafés, restaurantes, e espaços de *coworking*, entre outros.

Uma nova geração de profissionais que procura um estilo de vida mais flexível e digitalizado é atraída pelo nomadismo digital, que é um avanço tecnológico transformador de sistemas sociais e económicos (Abreu, 2024). Essas pessoas estão a mudar a maneira como vivem e trabalham porque estão insatisfeitas com as rotinas e valores do mercado de trabalho tradicional. Usam mais ferramentas digitais, seja para comunicar ou para adquirir os serviços que necessitam, como no caso do alojamento e das plataformas de reservas online, aos serviços bancários e, inclusive, utilizam para socialização, assim estabelecem novas rotinas, ainda que provisórias, garantem estabelecer a vida por onde passam.

A procura por espaços de *colivings* e *coworkings*, por exemplo, demonstra novas expectativas e objetivos dos nómadas digitais, que desafiam também o conceito tradicional de lar (no sentido de casa, habitação, domicílio) (Lacárcel, Huete, & Zerva, 2024). Além disso, os arrendamentos temporários estão cada vez mais em alta, em que a ideia da procura constante por habitações em diferentes lugares do mundo adequados

a cada realidade, tem conquistado cada vez mais espaço. O fato é que a relação entre esses ambientes e experiências de trabalho é essencial para entender a dinâmica da produtividade, pois a escolha do destino tem impacto direto no desempenho profissional, visto que alguns locais oferecem melhores condições para trabalho remoto do que outros.

Embora tipicamente vinculados às áreas relacionadas com as tecnologias de informação e comunicação, os nômadas digitais trabalham em variados setores e profissões, destacando enormes diferenças económicas entre os indivíduos (Abreu, 2024). A diversidade de opções de alojamento, que variam entre os arrendamentos de curto prazo a espaços de *coliving* e *coworking*, reflete as diversas realidades financeiras que esses indivíduos enfrentam. Neste contexto, os nômadas digitais têm um impacto económico importante nas áreas que visitam. Além de consumirem bens e serviços no local visitado, também apoiam a cultura e identidade locais, o que impulsiona a economia de diversas maneiras (Sztuk, 2024). Assim, a tendência emergente do nomadismo digital reflete estilos de vida que colocam um alto valor em encontrar um equilíbrio entre trabalho e lazer, mudando drasticamente as ideias sobre o que é trabalho e como ele se relaciona com o espaço físico (Kuthalingam, 2024).

Assim, compreender este modo de vida envolve não apenas conhecer as características do trabalho remoto, mas também perceber as motivações, preferências e padrões que influenciam as escolhas dos locais para onde viajam os nômadas digitais e quais os serviços turísticos que privilegiam. Em síntese, este estudo explora a evolução deste segmento turístico num contexto pós COVID-19, bem como os fatores que fizeram do nomadismo digital uma tendência crescente no contexto de trabalho e respetiva relação com as viagens e o turismo. Este trabalho de investigação pretende explorar também como as escolhas dos nômadas digitais são influenciadas pelos contextos económicos, sociais e culturais dos territórios e pela existência de serviços e equipamentos de apoio adequados.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A atividade turística à escala global

O setor turístico envolve o movimento temporário de pessoas para destinos fora do seu ambiente habitual para diversos fins, incluindo lazer, negócios ou outras atividades (UNWTO, 2014a). O negócio turístico abrange uma ampla gama de entidades, subsetores e partes interessadas, governamentais e privadas, que trabalham para promover e comercializar o turismo à escala nacional, regional e global. Neste contexto, as organizações nacionais de turismo desempenham um papel importante no planeamento, desenvolvimento e comercialização de atrações turísticas. De um modo geral, o turismo é um fenómeno mundial que atrai uma grande variedade de turistas com diversas motivações e interesses, conforme mencionado por Camilleri (2018).

O avanço da tecnologia digital alterou a forma como as pessoas planeiam, reservam e partilham as suas experiências de viagem. O turismo evoluiu e tornou-se um dinamizador das relações globais, entrelaçando-se com a estrutura básica da sociedade nas diversas experiências humanas e desenvolvendo-se como uma das atividades económicas mais relevantes do mundo (Acobia, 2021). Segundo Acobia (2021), esse crescimento da indústria foi impulsionado por fatores como a globalização, eventos geopolíticos e avanços tecnológicos, que resultaram em mudanças notáveis nos padrões de comportamento dos turistas. Em suma, a história do turismo representa uma interação dinâmica entre os gostos dos visitantes, o cenário global e as inovações, que redefinem constantemente o panorama da indústria.

De acordo com Moreno-Gil e Coca-Stefaniak (2020), o mercado turístico, altamente competitivo, tem sido influenciado pelo surgimento de novos destinos que têm conquistado grande parte do mercado, enquanto os destinos consolidados têm tido maior necessidade de trabalhar mais para fortalecer os respetivos mercados e explorar novos horizontes. Este ambiente competitivo realça a abundância de opções acessíveis aos turistas, bem como a necessidade constante dos destinos estabelecidos se reinventarem. A dinâmica evolutiva do turismo envolve a entrada contínua de novos territórios, bem como de estratégias inovadoras para que os locais tradicionais se adaptem e inovem, resultando num ecossistema turístico global mutável.

O turismo é, assim, um fenómeno multifacetado que abrange aspetos sociais, culturais e económicos que influenciam as decisões de viagem dos indivíduos para

destinos fora do seu ambiente habitual. Essas pessoas são conhecidas como visitantes, e o turismo está associado às suas atividades, o que leva ao aumento dos gastos turísticos, movimentando a economia mundial, com maior expressão nos territórios que dependem deste setor. Esta “indústria” do turismo já vinha crescendo de forma expressiva antes da pandemia da COVID-19, ultrapassando o crescimento da economia mundial durante nove anos consecutivos (WTTC, 2022). Esses dados sublinham a importância do turismo não apenas como um motor económico, mas também como uma fonte significativa de empregos, principalmente em regiões que não são necessariamente industriais ou polos económicos convencionais. Antes da pandemia, o setor de viagens e turismo já desempenhava um papel crítico na geração de empregos e no PIB (Produto Interno Bruto) da economia mundial. O setor era responsável por um em cada cinco novos empregos produzidos globalmente entre o período de 2014 a 2019. Conforme o World Travel and Tourism Council (WTTC, 2023), em 2019, este setor representou 10,3% de todos os empregos, ou 334 milhões de empregos, enquanto a sua contribuição para o PIB global foi de 10,4%, ou 10 bilhões de dólares (WTTC, 2023). Em 2019, o mundo registou 1,5 mil milhões de chegadas de turistas estrangeiros e nessa altura previa-se um aumento de 4% para 2020, cimentando o turismo como um importante setor económico (UNWTO, 2020). No entanto, a pandemia provocou uma mudança abrupta, com consequências de longo alcance para o turismo mundial. As proibições de viagens, as restrições fronteiriças e as preocupações com a segurança sanitária alteraram radicalmente a dinâmica turística, desafiando previsões anteriores e enfatizando a vulnerabilidade do setor do turismo a choques externos imprevistos.

A evolução das motivações relacionadas com as viagens também evoluiu em consequência das mudanças nos eventos globais, na tecnologia e na sociedade. Se a história inicial do turismo se baseou frequentemente num espírito curioso, a realidade atual demonstra uma maior heterogeneidade e complementaridade dos fatores motivacionais, e que envolvem fatores culturais, económicos e psicológicos. O setor atualmente distingue-se por consumidores menos inclinados a visitarem destinos congestionados, procurando deliberadamente locais mais calmos, menos explorados e em sintonia com os seus interesses individuais, preferências gastronómicas e atividades turísticas especializadas. Certas economias que têm uma forte dependência do turismo estão a reconhecer a mudança para a “nova normalidade”, implementando ações que acompanhem estas mudanças (Bairwa e Patawaei, 2022).

2.2. Fatores de mudança e principais tendências no turismo

A dinâmica do turismo está intimamente ligada às mudanças nas preferências dos consumidores, nas condições socioeconômicas e nos avanços tecnológicos, que têm um efeito instantâneo na natureza e na variedade das atividades relacionadas com o setor. Segundo Cardoso et al. (2023), o cenário atual é caracterizado por uma tendência crescente de digitalização econômica, fenômeno indissociavelmente relacionado com o processo contínuo de transformação digital. A utilização de tecnologias digitais nas operações turísticas não só altera o comportamento e as expectativas dos clientes, mas também estabelece novos paradigmas em marketing, comunicação e prestação de serviços. Compreender as ramificações complexas destas características interligadas é fundamental para maximizar o impacto das tecnologias disruptivas no negócio do turismo e gerar soluções eficazes (Cardoso et al., 2023).

No rescaldo dos recentes desastres mundiais como catástrofes naturais (seca, enchente, queimada e terremoto), guerra, migração e crise econômica, assim como os efeitos da pandemia da COVID-19, impactam drasticamente e revelam a fragilidade inerente à indústria do turismo, levando os especialistas a explorar soluções e/ou alternativas para superação dos efeitos negativos. Como destaca Duda (2023), num ambiente em constante mudança, os viajantes passaram a privilegiar a autenticidade dos locais e os seus fatores diferenciadores. A experiência de isolamento levou a uma maior reflexão sobre os valores e as prioridades, resultando numa preferência crescente por destinos autênticos. A consciência ambiental também cresceu, influenciando a escolha de locais que utilizem práticas sustentáveis. Neste contexto dinâmico pós-pandemia, a autenticidade emergiu como um critério chave para a seleção de destinos, refletindo o desejo de experiências significativas num mundo em constante mudança. A necessidade de experiências autênticas mudou as expectativas das pessoas de forma geral. Perante estas mudanças, conhecer e prever estes fatores torna-se fundamental para o desenvolvimento de políticas que incentivem o turismo sustentável e flexível, enquanto satisfazem as exigências do turista moderno. Este requisito exige uma análise mais cuidada da ligação entre as preferências dos turistas, as preocupações ambientais e a resiliência da indústria face a desafios inesperados (Duda, 2023).

Neste contexto, assume-se que os destinos atraem diversos mercados de maneiras diferenciadas, como é explorado por Camilleri (2018). Para este autor, os fatores de mudança e principais tendências no turismo incluem o rápido

desenvolvimento das plataformas de reservas online e aplicativos móveis, que têm revolucionado a forma como as pessoas planeiam e vivenciam as suas viagens, procurando experiências personalizadas, práticas de turismo sustentável e interações autênticas com as culturas locais. A facilidade de viajar e o aumento da conectividade tornaram o mundo mais acessível ao turismo às múltiplas possibilidades e abrangências das experiências turísticas. Em vez de apenas visitar atrações, os turistas procuram atividades imersivas e experimentais, incluindo participar nas tradições locais, destacando o impacto significativo da influência do marketing digital e das plataformas das redes sociais na forma como os destinos se promovem e como os viajantes tomam decisões. Em todo este processo, a forma e o conteúdo digital gerado pelos utilizadores desempenha um papel fundamental na definição das escolhas de viagem (Camilleti, 2018).

De acordo com Krasnokutskiy et al. (2016), o aumento no volume do comércio internacional, a modernização do setor dos transportes, o aumento de alternativas de viagens para destinos não tradicionais e a maior integração das economias globais, levaram a uma aceleração do turismo internacional e doméstico dos países de uma forma geral. Os autores explicam que o amadurecimento do turismo internacional tem implicações e impactos significativos não só nos índices primários do país, mas também no desenvolvimento de vários setores económicos como transportes, comunicações, relações comerciais, construção de infraestruturas, e todas as áreas, modernização, desempenho do consumo de produtos da população e do fluxo turístico. Krasnokutskiy et al (2016) evidenciam, ainda, a grande heterogeneidade do fluxo turístico total em diferentes áreas do mundo. A população global, cada vez mais móvel, com muitos turistas preferindo viajar de automóvel, combinando trabalho e lazer, resultou numa maior flexibilidade e no aumento das despesas turísticas. Estes fatores contribuem para o contínuo aumento da competitividade entre as organizações da indústria turística, principalmente entre fronteiras, levando à utilização de diversas formas de promoção e inovação nos vários âmbitos de serviços turísticos.

As exigências turísticas no cenário pós pandêmico requerem medidas ajustadas às realidades específicas dos territórios. Sendo assim, as entidades decisoras, bem como aqueles que prestam serviços turísticos, devem considerar a melhoria dos produtos e serviços, o que pode ser conseguido de forma mais eficaz através da introdução de inovações. A este propósito, Ratković et al. (2022), expressam a necessidade da renovação da oferta turística implementando alternativas mais focadas em tecnologia e realidade virtual, visando fornecer novas formas de experiências pré-

viagem, permitindo que os viajantes “visualizem” previamente os destinos ao planearem as suas viagens. Ratković et al. (2022), destacam a importância da inteligência artificial neste contexto, assim como iniciativas tomadas por parte dos governos juntamente com as organizações e instituições de turismo, desempenhando um papel fundamental na promoção da inovação e das políticas na indústria. A inovação turística tem levado à criação de diversas modalidades, e os destinos podem aumentar a competitividade oferecendo tipos de turismo mais direcionados à procura atual e que respondam à procura do mercado. O turismo está a transitar de um setor intensivo em informação para um setor orientado por dados, implicando que os seus profissionais tenham necessidade de estarem mais bem preparados para lidar com algoritmos, metodologias, ferramentas e técnicas relacionadas com a utilização da ciência de dados (Ratković et al., 2022). De facto, o surgimento de destinos turísticos inteligentes é uma tendência em que o sucesso do desenvolvimento, gestão e administração de destinos depende em grande parte do uso de *big data*. Os profissionais de turismo capacitados em análise de dados são necessários para capitalizar os dados disponíveis para melhorar as experiências turísticas positivas e conduzir os destinos a uma maior competitividade. A ênfase nas experiências e personalização de serviços é uma característica desta nova tendência de turismo inteligente, onde são fornecidas pré-visualizações online imersivas das atrações e estabelecendo itinerários individualizados e baseados na tecnologia, assim como explica Sharma (2023). O ecossistema do turismo inteligente foi definido por Ratković et al (2022), como um sistema turístico que tira partido da tecnologia inteligente na criação, gestão e prestação de serviços e/ou experiências turísticas inteligentes, sendo caracterizado pela troca intensiva de informação e valor. Os autores explicam que os turistas compram experiências, ou seja, o setor é expressivamente influenciado pela capacidade dos turistas de realizarem reservas online, de lerem as críticas de recomendações nos sites de alojamento e de outros serviços e, como tal, é essencial que os diferentes agentes turísticos se adaptem a esta nova realidade (Ratković et al., 2022). Tal como refere a UNWTO (2023), a inovação no turismo é uma ação colaborativa entre governos, universidades, empresas, investidores, no apoio aos parceiros de negócio (aceleradoras, incubadoras, etc.) e outras partes interessadas (UNWTO, 2023).

De acordo com Mobini et al. (2024), no ambiente de negócios atual, as empresas dependem mais da informação produzida a partir de enormes quantidades de dados criados ao longo das operações e interações com os turistas, sendo consequência da digitalização e da rapidez com que os dados chegam a grandes quantidades de

pessoas. Em circunstâncias realistas, onde o envolvimento e o serviço ao cliente são fatores críticos de tomada de decisão, a interpretação e análise de grandes quantidades de dados tornaram-se fundamentais para as indústrias de hotelaria e turismo.

Neste contexto, as restrições de viagem, os protocolos de saúde e as mudanças nos comportamentos dos consumidores influenciaram o respetivo consumo de turismo (Camilleri, 2018). As limitações de viagens e o medo associado à pandemia resultaram numa diminuição significativa nas viagens internacionais e domésticas. Muitos países fecharam as suas fronteiras, as companhias aéreas diminuíram ou cancelaram voos, o alojamento turístico, a restauração e as atrações turísticas foram forçados a fechar temporariamente. De um modo geral, a pandemia inspirou um repensar das práticas de turismo sustentáveis e resilientes, motivando novas formas de turismo que valorizam a conservação ambiental e o bem-estar da comunidade. É notável que a relação simbiótica entre a inovação e o turismo esteja a gerar mudanças significativas, resultando num ecossistema de viagens global mais resiliente e dinâmico.

2.3. O impacto da COVID-19 nas viagens e no trabalho

A COVID-19 provocou um impacto significativo na forma como as empresas operavam e também como as pessoas encaravam o trabalho, precipitando uma mudança significativa na direção do trabalho remoto. Neste contexto, destaca-se o papel vital da tecnologia na definição de vários paradigmas de trabalho, bem como a importância de cultivar uma cultura organizacional que promova o envolvimento e a criatividade dos funcionários (Wang et al., 2020). Esta transformação não só mudou a dinâmica laboral, mas também acelerou a adoção de tecnologias digitais e ferramentas de colaboração, onde boa parte das empresas ainda continua no modelo remoto ou adotaram o modo híbrido, em que os trabalhadores precisam comparecer presencialmente na empresa apenas nalguns momentos, podendo a maior parte das tarefas ser realizada remotamente, em casa ou em qualquer outro lugar.

Como Wang et al. (2020) afirmam, o contexto associado à pandemia da COVID-19 transformou o trabalho remoto em norma, em vez de exceção. A pandemia criou uma oportunidade para novos modelos que valorizam a liberdade e a criatividade do trabalhador. Isso despertou interesse em modelos alternativos de emprego, como o nomadismo digital, que valoriza experiências individuais e flexibilidade acima de estruturas corporativas rígidas e inflexíveis. No entanto, como Wang et al. (2020)

apontam, essas mudanças criam conflitos, como equilibrar a automação do trabalho com a necessidade de inovação, gerir a indefinição dos limites entre trabalho e vida pessoal e resolver disparidades no acesso a ferramentas digitais. À medida que o mundo se adapta a esta nova realidade, o trabalho remoto tem demonstrado ser mais do que apenas uma solução temporária, estabelecendo-se como uma componente essencial do futuro do emprego e mudando os padrões de trabalho tradicionais. Desta forma, os nômadas digitais desempenham um papel ativo na economia de mercado através de acordos de trabalho autogeridos e de redes interpessoais desenvolvidas através de plataformas digitais. Estas atividades ultrapassam fronteiras e acomodam atividades espontâneas, planos e itinerários fluidos, alinhando-se com as transformações socioculturais (Wang et al., 2020). Um ponto relevante levantado por Almeida (2023), é que a adoção generalizada do trabalho remoto entre os trabalhadores formais em resposta à pandemia resultou num contingente destes mesmos trabalhadores que começaram a querer viver o estilo de vida de nómada digital, vendo o trabalho remoto como uma oportunidade de reinventar as suas vidas e a relação trabalho-lazer.

Wang et al. (2020) descrevem o impacto da pandemia no mercado de trabalho global como uma "transformação digital induzida pela crise", na qual as empresas adaptaram rapidamente ferramentas e processos digitais para permitir operações remotas. Os autores também argumentam que a pandemia alimentou um impulso para maior autonomia do trabalhador, desviando-se do modelo orientado pela eficiência e apresentando novas questões sobre como criar um equilíbrio sustentável entre vida pessoal e profissional à medida que os limites se confundem nessa fusão de trabalho e vida pessoal. Como Wang et al. (2020) observam, esse momento de turbulência fez com que as empresas reconsiderassem a necessidade de instalações físicas de escritório e horários de trabalho típicos. Para Akhavan et al. (2022), dois impactos evidentes da pandemia foram a temporária transição das pessoas para segundas residências e a evidente migração inversa das áreas urbanas para regiões rurais e litorais. Embora a ideia de escritórios domésticos e trabalho remoto não seja novidade, a pandemia acelerou sua aceitação. Esta mudança em direção a novos padrões de trabalho cooperativos, flexíveis e adaptáveis alinha-se bem com as questões mais amplas das economias modernas e das concepções inovadoras adotadas pelas cidades inteligentes. Também no contexto da atividade turística, o impacto da pandemia foi evidente. A principal consequência imediata foi o declínio acentuado nas viagens turísticas, originando desafios financeiros substanciais para o setor turístico, incluindo hotéis,

restaurantes, agentes turísticos outras e empresas, e que se traduziram numa elevada taxa de desemprego e, em muitos casos, no encerramento de atividade por parte de muitas empresas ligadas ao turismo (Zatsepina, 2023). A recuperação pós pandêmica foi desigual entre regiões, com medidas mais eficazes que outras, fazendo com que alguns países tivessem uma recuperação mais precoce. Isto levou ao surgimento de novos destinos e mudanças nos fluxos turísticos. Além disso, o impacto duradouro da pandemia inclui mudanças no comportamento dos turistas, uma redistribuição dos padrões turísticos e dificuldades financeiras no setor (Zatsepina, 2023). Situmorang e Karthana (2021) expuseram que a epidemia de COVID-19 resultou no pior desempenho do setor de turismo global desde 1950. Destinos que dependem significativamente de turistas estrangeiros sofreram consequências drásticas. Contudo, pandemia de COVID-19 deve ser vista não apenas como uma calamidade económica, mas também como uma oportunidade de transformar o turismo numa atividade mais sustentável e resiliente. Neste contexto, o nomadismo digital poderá aportar um contributo importante, pois contribui para o aumento do fluxo de visitantes em territórios menos povoados e menos dependentes da atividade turística massificada, muito associada ao turismo balnear e ao turismo urbano.

2.4. Conceito de nomadismo digital

Os profissionais nómadas digitais estão a desempenhar um papel importante na reconfiguração do panorama laboral. Minton-Oglesby (2023), define o nómada digital como uma pessoa que viaja por motivos relacionados com o lazer, enquanto trabalha remotamente. Este modo de vida associa-se muito frequentemente a pessoas que não têm residência fixa permanente e, por isso, têm maior facilidade de mobilidade. Para facilitar o processo de interação e comunicação, nos últimos anos têm surgido plataformas e outras ferramentas tecnológicas que funcionam como ambientes globais nos quais empreendedores e profissionais contratados por empresas podem conectar-se e comunicar com os seus clientes e/ou empregadores à distância. Este ambiente digital facilita deste modo um mercado de trabalho global onde o conceito de fronteiras assume menor importância (Minton-Oglesby, 2023). Estes avanços tecnológicos e estilos de vida definiram assim um novo cenário em que o trabalho não está mais

confinado a lugares e horários fixos. A este propósito, Minton-Oglesby (2023) defende que o novo modelo de emprego abraçado pelos chamados nómadas digitais é uma viagem desejada, cheia de oportunidades e com uma grande sensação de liberdade.

Bozzi (2020) caracteriza o nómada digital como uma figura paradoxal no contexto neoliberal, ressaltando o seu papel na construção de uma estética despolitizada no cenário global de trabalho. Esta autora explora uma análise teórica sobre como as redes sociais contribuem para a disseminação e concretização dessas estéticas, valorizando os aspetos positivos do trabalho nómada, especialmente enfatizando a liberdade. Noutras palavras, devido à mobilidade aumentada e ao fácil acesso à Internet, ou até mesmo como uma resposta temporária à escassez, os nómadas digitais expressam uma sensação distinta de singularidade. É crucial compreender que isso não implica uma ausência de senso de comunidade; no entanto, Bozzi (2020) sugere que a aplicação do rótulo de "nómada" pode ser apenas temporária.

De acordo com Reichenberger (2017), os nómadas digitais procuram cultivar um estilo de vida caracterizado por uma liberdade abrangente, que engloba a liberdade profissional, espacial e pessoal, onde todos os aspetos da vida são igualmente atrativos. Estes nómadas, então classificados como digitais, são predominantemente jovens profissionais que optam por um estilo de vida independente de localização, permitindo-lhes realizar suas atividades profissionais online enquanto exploram diferentes partes do mundo e com rotinas flexíveis (Reichenberger, 2017).

Contudo, este não é um fenómeno recente. Segundo Hannonen (2020), a mobilidade internacional ganhou destaque na década de 1980 devido à procura de elementos como autorrealização, liberdade de escolha e a vontade pessoal de reformular o estilo de vida. O termo é frequentemente usado no contexto de trabalho remoto, tecnologia e estilo de vida, e as definições podem ser diferentes. Argumenta-se essencialmente que os nómadas digitais são indivíduos que optam por não depender do modelo de trabalho convencional de escritório, combinando uma atividade profissional independente de localização com o desejo consciente de explorar novos lugares. Essa flexibilidade na forma de viver manifesta-se de maneiras diversas e em circunstâncias variadas, abrangendo modelos distintos de turismo, moradia e migração. Esses profissionais destacam-se pela habilidade de se deslocar e estabelecer residência em diferentes lugares, seja por períodos predefinidos ou não, utilizando a conectividade oferecida pela internet para conduzir as suas atividades profissionais e desfrutando da liberdade de escolher seu local de trabalho.

Na perspectiva de Sztuk (2024), os nómadas digitais são definidos como um grupo de clientes das ofertas da cidade na área do marketing. O termo "nomadismo digital" refere-se a um estilo de vida errante combinado com trabalho remunerado, possibilitado pelo acesso a ferramentas e tecnologias móveis. De acordo com Cook (2022), os nómadas digitais que usam fundamentalmente a tecnologia para combinar o trabalho com um estilo de vida móvel, não trabalham apenas para corporações, como também são empreendedores. Ao deixarem os seus empregos, muitas vezes estáveis, procuraram alternativas que vão além da independência geográfica, mas também a independência de não trabalharem para terceiros, criando os seus próprios negócios. Cook (2022) salienta ainda que a presença desses profissionais migratórios tem impacto nas interações sociais, implica riscos potenciais para as noções tradicionais de cidadania e está associado a dificuldades relacionadas com a negociação da complexidade burocrática de muitos países. Por outro lado, De Sousa (2019), refere os nómadas digitais estão constantemente a aprimorar os seus talentos existentes e a aprender novos por meio da autoaprendizagem, o que aumenta a adaptabilidade e resiliência diante de diferentes desafios e cenários. Para este autor, o motivador básico para esse modo de vida é o desejo de uma existência intencional, ou de viver deliberadamente. Estes profissionais apreciam viagens de longa distância, trabalho compacto, estabelecimento de rotinas no local visitado, maximização das horas de trabalho e demonstração de capacidade de administrar a sua agenda para dedicar tempo de qualidade tanto ao trabalho quanto à ao tempo livre, de lazer e de recreio (De Sousa, 2019). Akhavan et al. (2022) referem a este propósito que a transição para contextos de trabalho flexíveis libertou os trabalhadores remotos das restrições das instalações tradicionais de escritórios e dos horários rígidos. Essa flexibilidade recém-redescoberta e muito desejada permite que os indivíduos adaptem o seu ambiente de trabalho e horários às suas necessidades específicas, alterando os paradigmas de emprego até então estabelecidos. Constata-se, por isso, que há uma tendência clara de pessoas que valorizam mais a sua saúde e bem-estar em detrimento de carreiras profissionais restritivas, mostrando uma mudança notória em relação ao contexto de pré-pandemia.

Considera-se, portanto, que estas mudanças socioeconómicas significativas, desencadeadas em maior escala pela pandemia COVID-19, têm um impacto abrangente nos domínios social, ocupacional, residencial e nas preferências de deslocação. Segundo Sztuk (2024), houve um crescimento considerável no número de nómadas digitais durante e após a pandemia, ou pelo menos um entusiasmo crescente

entre os indivíduos que começaram a preparar-se para um dia poderem adotar esse estilo de vida (Sztuk, 2024). O número de espaços de *coworking* que vão surgindo, bem como outras instalações que permitem trabalho remoto, têm contribuído para o reposicionamento das cidades e outros centros urbanos (e até rurais) junto deste mercado específico do nomadismo digital.

2.4.1. A *gig economy* e o seu contributo para o nomadismo digital

Um conceito estreitamente vinculado ao nomadismo digital é o de *gig economy*. Janadari e Preena (2020) explicam que esta denominação caracteriza o modo de trabalho no qual as organizações contratam profissionais autónomos para desempenhar funções temporárias. Em essência, os trabalhadores *gig* são cada vez mais comuns nas empresas que os recrutam para tarefas específicas de curto prazo e pagam por cada hora de trabalho ou por tarefas ou objetivos atingidos, em vez de em tempo integral. No contexto económico, Almeida et al. (2021) afirmam que este modelo de trabalho tem reconfigurado os elementos de produção, gerando bens digitais e, assim, desafiando a estrutura da economia convencional. Os autores observam ainda que os nómadas digitais desempenham um papel mais proeminente no cenário cultural, pois a essência desses profissionais reside na habilidade de reconciliar as contradições resultantes do desejo de preservar um estilo de vida independente por meio de uma experiência centrada no prazer de trabalhar e viver de forma livre de restrições geográficas (Almeida et al., 2021).

Na *gig economy*, de acordo com Janadari e Preena (2020), participam diversas entidades que facilitam, através de plataformas digitais, as transações diretas entre consumidores e produtores, proporcionando flexibilidade nos horários dos trabalhadores independentes. Os participantes ativos nesta modalidade económica, abrangem uma gama de profissionais, desde fornecedores de mão-de-obra, até fornecedores de mercadorias, como retalhistas de vestuário, artistas e artesãos. Esta dinâmica envolve um ecossistema em que a interação entre empresas de plataforma, trabalhadores independentes e consumidores desempenha um papel fundamental na evolução deste modelo emergente (Janardi e Prena, 2020). Conforme Hermann e Paris (2020) observam, certos empregadores globalmente estão a reconhecer cada vez mais a dispensabilidade da vinculação a ambientes convencionais de trabalho, explorando a

viabilidade do trabalho remoto, especialmente em economias mais avançadas. Nesse contexto, as organizações expandiram suas diretrizes para o trabalho à distância, contemplando uma transição mais duradoura para modelos híbridos ou totalmente remotos, visando reduzir custos e valorizar tanto o bem-estar quanto a produtividade dos colaboradores. A motivação principal por detrás da adoção desse estilo de vida é o desejo de escapar das estruturas restritivas associadas a uma carreira convencional dependente de localização, fundamentando-se, essencialmente, na procura por uma vida profissional não padronizada nos moldes antigos, estando em constante movimento (Hermann e Paris, 2020). A conceção de liberdade entre os nómadas digitais, observa Cook (2020), é caracterizada por um entendimento genérico e subjetivo de independência, amplamente percebido como um estilo de vida no qual as tensões entre trabalho e lazer se dissolvem de maneira quase unânime. A linguagem da imaginação e das possibilidades de autonomia desempenha um papel crucial no cenário do nomadismo digital, diminuindo os níveis de stresse ou *burnout* associados aos modelos de vida e de trabalho mais convencionais. O autor também esclarece que a vivência da liberdade difere consideravelmente das idealizações iniciais de muitos nómadas digitais, abordando que a disciplina funciona como um elemento fundamental nesse modelo de vida.

Sztuk (2024) salienta que a tendência do trabalho remoto, acelerada pela pandemia de COVID-19, alterou ocupações e vidas, levantando preocupações sobre esse novo modelo de trabalho. A maioria dos nómadas digitais são cidadãos com ensino superior e elevado rendimento que frequentemente trabalham por conta própria ou iniciam seus próprios negócios. Contudo, o desenvolvimento de nómadas digitais tem também impacto nas economias locais e no turismo, criando preocupações de sustentabilidade e motivando estudos e investigação sobre suas implicações socioeconómicas. A importância da infraestrutura digital no recrutamento de nómadas digitais e na adaptação de técnicas de marketing a esse grupo demográfico distinto é, por isso, muito importante (Sztuk, 2020).

Efetivamente, a pandemia de COVID-19 provocou mudanças significativas na estrutura sociodemográfica que perduraram mesmo no contexto pós-pandemia. A transformação mais notável consistiu na dispensa de obrigatoriedade de presença física nos escritórios ou outras instalações fixas das empresas, desde que as funções ou tarefas a desempenhar o permitissem. Deste modo, mais pessoas passaram a ter maior flexibilidade para realizar viagens pessoais ao mesmo tempo que desempenhavam as suas tarefas e obrigações profissionais à distância. Ou seja, as pessoas passaram a

poder viajar mais por motivos pessoais sem necessidade de tirar folga do trabalho. O confinamento global deu origem a esta nova normalidade, caracterizada pela utilização crescente da tecnologia para trabalho, comunicação e colaboração virtual. De acordo com Fikry et al. (2023), na atualidade várias organizações em todo o mundo apoiam o trabalho remoto, permitindo que os colaboradores desempenhem as suas responsabilidades fora do ambiente de escritório tradicional. A viabilidade desta nova realidade depende, necessariamente, de recursos críticos, como o acesso a dados digitais na nuvem, dispositivos móveis inteligentes e conectividade à Internet de alta velocidade. Depende também do próprio ambiente de trabalho criado pelos nómadas digitais, sendo necessária a combinação de características tangíveis, como tomadas elétricas, conectividade à Internet e uma estação de trabalho designada, bem como qualidades intangíveis, como um ambiente tranquilo e privado (Fikry et al., 2023).

Embora reconheçam os benefícios do nomadismo digital, Akhavan et al. (2022) também destacam os impactos negativos que este modelo de trabalho poderá aportar para o bem-estar dos nómadas digitais, como por exemplo a perda de laços sociais, a solidão, as dificuldades em conciliar o trabalho e as obrigações pessoais, e um sentimento constante de necessidade de ligação digital. Além disso, as empresas estão a reconhecer a sustentabilidade do trabalho remoto e a adaptar-se, criando os seus próprios escritórios, ainda que distribuídos geograficamente, primeiro em locais mais próximos das residências dos trabalhadores e longe dos grandes centros urbanos, facilitando assim este tipo de deslocalização. O que impacta na mobilidade urbana e garante maior tempo de vida útil (bem-estar) ao trabalhador. A segunda proposta é a abertura para o trabalho remoto “desterritorializado”, sem a necessidade de um vínculo presencial com o espaço da empresa.

Em todo este contexto, pode-se concluir que o nomadismo digital emergiu como uma força transformadora e dinamizadora das deslocações e movimentações sociais. E neste âmbito, os territórios, e mais concretamente os destinos turísticos, têm encarado este público-alvo como um segmento turístico com muito potencial (Bonneau et al., 2024). À medida que o trabalho remoto se torna mais comum, os destinos estão a trabalhar para atrair também esta força de trabalho móvel e para valorizar turisticamente os seus territórios junto deste segmento, conforme será analisado na secção seguinte.

2.5. A interligação entre turismo e nomadismo digital

Os nómadas digitais e os turistas têm pontos de encontro e também algumas diferenças importantes, nomeadamente ao nível do objetivo e da duração da estadia. Ao nível da duração da viagem, e comparativamente, os turistas costumam fazer viagens de menor duração, principalmente para se divertirem, descontraírem, conhecerem novos lugares, desconectarem-se das suas rotinas regulares. Contudo, de acordo com as classificações de turismo e de visitantes, propostas pela UNWTO (2024a), também é possível termos turistas de negócios, que se deslocam motivados pela participação em atividades relacionadas com os negócios e as profissões. E neste contexto, os nómadas digitais poderão ser encarados como uma junção dos turistas de negócios com os turistas de lazer, na medida em que os nómadas digitais realizam viagens motivadas pelo contexto turístico de conhecer novos lugares e culturas, enquanto desempenham a sua atividade profissional remotamente. No que diz respeito à duração da viagem, os nómadas digitais permanecem geralmente mais tempo nos locais visitados, quando comparados com os turistas de lazer e com os turistas de negócios, pois habitualmente assumem residência temporária no local visitado por largas semanas ou vários meses.

Os nómadas digitais têm também algumas características específicas no que diz respeito ao tipo de serviços que necessitam nos destinos que visitam. De acordo com Ji et al. (2024), o conceito que determina esses profissionais está ligado à convergência digital e inclui o termo “transumista”, que é uma mistura de “trans” e “consumidor”. A convergência digital está indissociavelmente ligada ao crescimento da variedade de nómadas digitais e é uma noção crítica que tem um impacto significativo na vida digital. Este estilo de vida exige acesso permanente à internet e comodidades adequadas ao trabalho remoto e a uma permanência mais alargada no tempo. Por isso, se por um lado essas estadas mais longas por vezes exigem a necessidade de obter vistos especiais de trabalho ou residência em alguns países (o visto de nómada digital), por outro lado promovem uma imersão cultural mais profunda e maiores contribuições económicas locais associadas aos gastos de alojamento, alimentação e também entretenimento.

O conceito de “nomadismo digital”, conforme Bonneau et al. (2024), ganhou popularidade nos últimos anos, graças às melhorias tecnológicas que tornaram o trabalho remoto mais alcançável, onde este fenómeno representa uma grande mudança nos conceitos tradicionais, tanto de emprego, como de viagens. Embora o turismo seja

frequentemente associado às viagens recreativas de curta duração, o seu conceito tem uma maior abrangência. O turismo consiste no conjunto de fenómenos e impactes económicos, sociais e ambientais originados pela deslocação e permanência temporária de pessoas num determinado destino, que não o seu ambiente habitual, seja por motivos pessoais ou relacionados com os negócios e as profissões, desde que não seja para realizar atividade remunerada no local visitado e desde que a permanência não ultrapasse um ano (UNWTO, 2024a). Neste contexto, o nómada digital poderá ser definido como um visitante e, mais concretamente, como um turista desde que cumpra com os critérios propostos pela UNWTO para a definições de turismo e de visitante. Ainda a este propósito, Bonneau et al. (2024) reforçam que os nómadas são profissionais que combinam a sua paixão por viajar com a liberdade que advém do trabalho remoto, utilizando estratégias contemporâneas de trabalho móvel. Para além de lhes permitir prosseguir a sua atividade profissional, esta integração permite a imersão plena em muitas culturas, promovendo assim uma experiência de vida rica e variada, muito diferente do turismo tradicional, procurando também a libertação dos acordos de emprego convencionais.

A ascensão dos nómadas digitais representa assim uma oportunidade para revitalizar as economias locais e enfrentar desafios como o declínio populacional, enquanto promove uma maior dinâmica territorial através do turismo. De acordo com Ji et al. (2024), a indústria do turismo está a responder à procura crescente de nómadas digitais, oferecendo novos modelos de serviços que incentivam estadias mais longas (*colivings*) e espaços de trabalho individuais e coletivos (*coworkings*). Deste modo, os nómadas digitais contribuem diretamente para as economias locais hospedando-se em hotéis, *hostels* e outras estruturas de alojamento, usufruindo da restauração e do comércio local, envolvendo-se nas atividades recreativas e culturais locais, contribuindo deste modo para o crescimento do turismo sustentável. Como resultado, vários destinos estão a evoluir para satisfazer as exigências de trabalho remoto, oferecendo mais espaços de *coworking*, acesso fiável à Internet e atividades de construção de sentido de comunidade. Ao acolher e satisfazer as exigências deste segmento turístico em ascensão, os destinos turísticos diversificam a sua base de visitantes, de segmentos turísticos e, principalmente, encontram neste mercado um segmento importante para atenuar a sazonalidade turística.

2.6. O perfil do nómada digital

Um aspeto importante muito associado ao perfil dos nómadas digitais refere-se à capacidade de adaptação aos diferentes ambientes e contextos socioculturais dos lugares para onde viajam. Contudo, essa integração nas comunidades locais é caracterizada também por diversos desafios, conforme destacado por Ji et al. (2024). Um dos desafios mais evidentes é a falta de sensibilização e compreensão entre as entidades locais em relação a este estilo de vida, a dificuldade de conseguirem documentação em alguns países, por exemplo, assim como do seu impacto na comunidade. Obstáculos substanciais também emergem das deficiências na infraestrutura e nos serviços locais, já que muitos destinos são projetados para receber visitantes para estadas curtas, voltados para turistas mais convencionais, em vez de estadias prolongadas mais associadas aos nómadas digitais (Ji et al., 2024).

Embora os nómadas digitais apresentem maiores níveis de adaptabilidade contextual, as suas expectativas e modos de vida não são exatamente os mesmos dos restantes turistas e moradores locais. De acordo com Berti e Santos (2020), esta diferença pode levar a alguns constrangimentos sociais e culturais porque a maioria dos nómadas digitais procura acomodações temporárias mais economicamente acessíveis, especialmente nas fases iniciais das suas viagens. Essa dificuldade é agravada pelo fato de que a essa acessibilidade é integrada à escala global e dos destinos competem globalmente para captar este público-alvo.

Segundo Souza (2019), nómada digital é um profissional que viaja com o “mundo na mochila”, na esperança de descobrir lugares e viver como um morador local. Portanto, alguns fatores assumem especial importância no momento de escolher o local para onde viajar, nomeadamente o custo de vida, os serviços, equipamentos e infraestruturas existentes no destino, e a oferta disponível de alojamento especificamente vocacionado para este segmento. A conjugação de todos estes fatores contribui para o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Por sua vez, Sztuk (2023) afirma que em vez de serem motivados por oportunidades de emprego, os nómadas digitais escolhem os seus destinos com base nos seus interesses em aspetos naturais, culturais, recreativos e cognitivos. Do ponto de vista de um nómada digital, os destinos de viagem mais populares são lugares exóticos; contudo, esta é uma decisão pessoal e o nível de exotismo depende do país de origem e é uma escolha individual, não existe um padrão definido. Bonneau e Aroles (2022), por sua vez colocam a ênfase no grau de

mobilidade e na distância percorrida, distinguindo os nómadas digitais de outros tipos de trabalhadores móveis. Os nómadas digitais escolhem áreas de destino baseadas na estética e no lazer, na esperança de evitar estruturas de trabalho típicas. Como resultado, as atividades profissionais destas pessoas devem ser adaptáveis em maiores ou menores âmbitos, mas sempre mutáveis, afim lhes permitir utilizar quaisquer espaços que encontrem nas áreas por onde viajam. Consequentemente, os lugares que os nómadas digitais escolhem para viver e trabalhar (Sztuk, 2024). Ao compartilhar as suas experiências nas plataformas digitais, esses profissionais fazem mais do que apenas registrar digitalmente as suas vidas – embora aleatoriamente e sem nenhuma intenção de vendê-las – eles também influenciam outros potenciais turistas e contribuem para moldar opiniões sobre os lugares que visitam. Os nómadas digitais promovem as qualidades das cidades – como as suas infraestruturas, cultura local, possibilidades de *networking* e padrão de vida – através das redes sociais. De acordo com Sztuk (2024), a transmissão de informações pode posicionar as cidades como centros vitais para trabalhadores remotos, atraindo ainda mais nómadas digitais e impulsionando o desenvolvimento económico e social. Assim, a conectividade com a internet não apenas simplifica a vida dos nómadas, mas também desempenha um papel importante na promoção e expansão das áreas que eles escolhem visitar. Como resultado dessa exposição natural e contínua, alguns locais tornam-se cada vez mais conhecidos e atraentes para outros nómadas, construindo uma reputação sólida e incentivando o turismo local.

Ji et al. (2024) analisam as principais medidas para melhorar a vida social e profissional de trabalhadores nómadas, enfatizando o valor das redes formadas entre nómadas digitais e comunidades locais. Ao se envolverem com tradições e a vida local, esses indivíduos expandem ainda mais as suas capacidades mutáveis e adaptativas, o que permite que eles se adaptem a diversos ambientes culturais e geográficos. Para Sztuk (2024), a maioria dos nómadas digitais define os lugares para onde pretendem viajar através de fontes online, onde são trocadas experiências sobre as cidades e os países que visitam. A partilha de conhecimento serve como promoção indireta de destinos, destacando os locais mais adequados para receber esses profissionais digitais com base na experiência pessoal. Cidades que acolhem nómadas digitais que estão satisfeitos com sua estadia podem beneficiar dessa dinâmica, tornando esses profissionais embaixadores informais, o que pode ser uma tática eficaz para promover a unidade territorial, principalmente entre esse grupo demográfico de viajantes (Sztuk, 2024).

Neste contexto, assume especial importância a oferta de programas de vistos destinados a nômadas digitais no âmbito de uma estratégia de destino que incorpora novos talentos e clientes alinhados com as tendências contemporâneas. Esta importância das políticas de visto e regulamentações de residência enquanto fator decisivo na seleção do destino é enfatizada por Sztuk (2024), que também destaca a clareza e compreensão dessas regulamentações por parte dos visitantes como fator crítico. Contudo, a escolha do destino não é determinada apenas pelas características culturais, naturais ou tecnológicas do território. Devido a eventuais restrições complexas, os nômadas digitais podem desistir de um destino específico porque não terem um enquadramento legal bem definido que os abranja enquanto visitantes e nômadas digitais. Mas como o número de nômadas digitais cresceu significativamente nos últimos anos, também é perceptível que mais destinos estão a planejar incorporar reformas nas suas políticas de forma a contemplar leis específicas e abrangentes de vistos para nômadas digitais (Sztuk, 2024). Sztuk (2024) descreve ainda as necessidades fundamentais de um território para conseguir chegar eficazmente a este segmento turístico, demonstrando que os fatores decisivos se relacionam também com um ambiente limpo e seguro, assim como a prestação de serviços eficiente, uma vez que nômadas digitais frequentemente procuram uma variedade de soluções, serviços e espaços (como *coworkings*, alojamento específico e acessibilidades), além de um contexto cultural diversificado. É importante destacar que governos locais podem afetar o nível de atratividade do destino turístico, do ponto de vista de um determinado grupo, reconhecendo e compreendendo os requisitos, preferências e ações de grupos-alvo específicos. Portanto, quando nômadas digitais escolhem onde estabelecer temporariamente as suas estadas, a capacidade de uma cidade fornecer condições de residência e de trabalho potencializa as decisões de escolha.

2.6.1. O contexto do alojamento partilhado e dos espaços de *coliving* e de *coworking*

De modo a compreender melhor o papel dos destinos turísticos em todo este processo, Zhou et al. (2024) exploraram as estratégias que os territórios têm desenvolvido ao nível da inovação e da competitividade para atrair nômadas digitais. Para isso, estudaram a o comportamento da procura, por parte dos nômadas digitais, naquilo que caracterizaram como mercado constituído por indivíduos com elevado nível

de formação e que preferem trabalhar com tecnologia. Estes autores constataram que os destinos turísticos agarraram a oportunidade de desenvolver e expandir a indústria turística neste sentido, facilitando assim a internacionalização através de maior acessibilidade e segurança, tornando-se deste modo destinos turísticos inteligentes (ou *smart destinations*). Sendo os nómadas digitais grandes consumidores de plataformas online, serviços digitais e de redes sociais, é importante que os destinos se saibam posicionar neste contexto digital. Ainda de acordo com os mesmos autores, a pandemia impulsionou esta dinâmica, pois as pessoas aprenderam a trabalhar remotamente e os lugares dependentes do turismo que perderam receita foram indiretamente forçados a explorar novos mercados para compensar e sustentar as empresas de turismo locais. Situmorang e Karthana (2021) afirmam que a prática crescente do nomadismo digital levou a que os destinos se adaptassem a este novo fenómeno, promovendo-se especificamente para captar estes profissionais. Por isso, tem-se verificado o crescimento do número de espaços cooperativos, como *colivings* (espaços cooperativos de alojamento que oferta de alojamento individualizado e serviços comuns, como cozinha, áreas de lazer, entre outros) e espaços de *coworking* (espaços e áreas de trabalho individual e conjunto) que trabalham para atender às necessidades dos turistas nómadas digitais.

Mais concretamente no que diz respeito ao alojamento, os alugueres de curta duração, muito característicos do modelo de negócio da plataforma Airbnb¹, são os mais populares devido à sua flexibilidade, permitindo que os nómadas escolham entre uma grande variedade de tipologias de alojamento, que vão desde apartamentos completos a quartos compartilhados. Além disso, os espaços de *coliving* têm crescido em popularidade entre os nómadas digitais devido ao seu ambiente focado na comunidade, o que permite que indivíduos com estilos de vida e objetivos semelhantes vivam e trabalhem juntos, impulsionando a colaboração e o *networking*. De facto, a plataforma Airbnb, e o modelo de alojamento que representa, mudou drasticamente tanto o comportamento do viajante quanto os setores de hospedagem turística (Klegr, 2024). Segundo Klegr (2024), o Airbnb diferencia-se propositalmente dos tipos tradicionais de alojamento, posicionando-se como uma plataforma de pesquisa de alojamento temporário fundamentado em qualidades sociais, simbólicas, emocionais e de experiência. Em 2014, a empresa lançou uma campanha intitulada "Belong Anywhere", posicionando-se como um produto central do meio turístico, com o foco na comunicação

¹ O *Airbnb* é uma plataforma online de reserva de alojamento por temporada, que permite que qualquer pessoa possa anunciar ou reservar uma acomodação.

com o cliente assente em três valores principais: exclusividade, pertença e autenticidade (Klegr, 2024). Enquanto os quartos de hotel tendem a ser mais padronizados, o Airbnb oferece uma variedade mais alargada de possibilidades, desde um sofá num apartamento compartilhado, a moradias completas, moinhos de vento ou até ilhas exclusivas (Klegr, 2024). Esta dinâmica, para além de encorajar uma interação mais próxima entre anfitrião e hóspede, visa criar também uma atmosfera aconchegante que é supostamente impossível de produzir em opções de alojamento mais tradicionais, como no caso dos hotéis. Este autor destaca ainda que qualidades sociais e emocionais, alinhadas com o conforto e o prazer da estadia e, até certo ponto, a vibração geral do bairro, compõem os valores hedónicos do Airbnb.

Em referência aos diferentes tipos de alojamento escolhidos por nómadas digitais, ainda que o Airbnb ofereça flexibilidade e uma variedade de opções de alojamento que atraem muitos nómadas digitais, o conceito de *coliving* surge como uma alternativa cada vez mais forte, proporcionando um sentimento diferente de comunidade e pertença, mais interativo e profundo, através de espaços projetados para fomentar interações e conexões significativas entre os residentes (von Zumbusch & Lalicic, 2020). O elemento comunitário é assim um dos aspetos mais valorizados de qualquer espaço de *coliving*. De acordo com os autores, os espaços de *coliving* destacam-se porque atraem pessoas de todo o mundo, com diversas origens e diferentes características. Dada a natureza dinâmica desses lugares, a interação social é intensificada neste tipo de alojamento. A perspetiva de interação, em comparação com o Airbnb, é enfatizada, pois os espaços de *coliving* permitem mais integração entre grupos de pessoas, particularmente nómadas digitais com interesses compartilhados, enquanto o Airbnb é caracterizado por experiências mais individuais.

Segundo Koll (2021), os espaços de *coliving* surgiram como uma reação do mercado à crise nas condições de trabalho, o que por sua vez mudou a definição tradicional de residência, oferecendo vários alugueres de curto prazo, espaços de habitação conjugados com espaços de trabalho e oportunidades de *networking* social, transformando a definição de residência num conceito de coprodução e coexistência, criando assim lugares de produtividade, socialização e móveis. O espaço de *coliving* propõe fornecer uma comunidade pronta para os seus moradores, pois é assumido que o senso de comunidade é essencial para o bem-estar dos nómadas digitais.

A urbanização acelerada, aliada aos crescentes custos de vida, exerce uma influência significativa sobre o conceito de residência (Elinc, Aşikkutlu, & Kaya, 2023). Nesse contexto, as ideias de coabitação, ou *cohousing*, e *coliving* emergem como

respostas ao desejo de reduzir despesas e promover a vida em comunidade nas áreas urbanas. Esses modelos visam proporcionar um padrão mínimo de vida para solteiros, estudantes e profissionais, atendendo às necessidades de moradia de curto prazo, especialmente para jovens que procuram soluções acessíveis durante viagens. Elinc, Aşıkkutlu e Kaya (2023) destacam que *coliving* e *cohousing* são conceitos relacionados com o desenvolvimento de residências comunitárias. O conceito de *cohousing* terá surgido como um projeto residencial pioneiro nos arredores de Copenhague (Dinamarca) em 1972, quando 27 famílias queriam descobrir mais e ter a oportunidade de comunicação em larga escala sem abrir mão do conforto básico das duas casas ou apartamentos. Mais tarde, entre 2011 e 2012, o termo *coliving* ficou mais popular como resultado do boom tecnológico de Silicon Valley, que originou a criação de residências comunitárias dotadas de serviços e equipamentos de uso comum e que ganhou maior expressão a partir de 2016 (Aşıkkutlu e Kaya, 2023). De acordo com Elinc, Aşıkkutlu e Kaya (2023), o *coliving* consiste num edifício no qual as pessoas partilham alojamentos, mas cada uma tem seu próprio contrato ou acordo independente dos outros, oferecendo flexibilidade e autonomia para os inquilinos. O modelo reflete a natureza mutável da vida, especialmente entre jovens profissionais que procuram um equilíbrio entre privacidade e aceitação da comunidade.

Antes visto principalmente como uma opção de residência urbana acessível, o *coliving* ganhou força entre os jovens profissionais e nómadas digitais. Ainda assim, o seu conceito base de redução de custos muitas vezes fica aquém do esperado, pois o mercado competitivo tem estabelecido padrões cada vez mais elevados também neste conceito de alojamento (Mahdawi, 2017). Por sua vez, os *hostels* oferecem alojamento mais económico e sem necessidade de elaborar um contrato formal. Posicionam-se assim como alternativas ao *coliving*, oferecendo também ambientes sociais e oportunidades de interação com outros viajantes, tornando-se uma escolha popular para aqueles que possuem orçamentos mais reduzidos e que viajam sozinhos.

Andino-Frydman (2023) explora as identidades emergentes dos nómadas digitais, que se baseiam na conjugação do trabalho com as viagens, à medida que vinculam as suas vidas a uma localidade geográfica específica, que poderá ser alterada de quando em quando. E por isso, também frequentemente transcendem os marcadores tradicionais de identidade, como nacionalidade ou religião. Relativamente ao alojamento, procuram geralmente lugares adaptáveis, propícios a espaços de trabalho independentes, sem respeitar as normas convencionais do local de trabalho. Portanto, estruturas de alojamento com espaços de *coworking* são muito associados ao estilo de

vida do nómada digital (Andino-Frydman, 2023). Deste modo, uma oferta variada de alojamento do destino pode ser um fator-chave para atrair e manter nómadas digitais e destaca a importância de focar na qualidade e variedade de alojamento para um futuro sustentável do turismo digital. De acordo com Andrade et al. (2023), isso mostra que além das necessidades básicas de alojamento, a variedade das opções existentes que os nómadas podem escolher, de acordo com o nível ou variedade de serviços e equipamentos de que dispõem, também contribuem para a formação de sua experiência geral de viagem. A capacidade do alojamento em se tornar flexível e adaptável ajuda a facilitar o processo de transição para a vida nómada cria também oportunidades e experiências diferenciadoras, potenciando uma duração maior da estada no destino e contribuindo para a criação de um maior apego à comunidade local.

Um outro conceito associado aos nómadas digitais e ao tipo de alojamento que escolhem nos destinos refere-se ao *slowmadism*, que se traduz em nomadismo lento, que envolve permanecer por períodos mais longos nos destinos e incorporar os hábitos e rotinas locais. Este estilo de vida abrange e afeta economicamente os locais, incluindo vários setores de atividade, tais como tecnologia, turismo, gastronomia e até mesmo o consumo de artesanato regional (Poulaki et al., 2023). Esta prática leva em consideração a necessidade que esses trabalhadores viajantes possuem em criarem rotinas pré-estabelecidas pelo estilo de vida individual, independentemente do país ou fuso horário. Neste contexto, a criação de condições e espaços de trabalho nas estruturas de alojamento é fundamental. A este propósito Merkel (2022) sugere um conjunto de razões pelas quais a indústria hoteleira está cada vez mais interessada em abrir espaços de *coworking*. Por um lado, a mudança na dinâmica de trabalho devido a uma força de trabalho mais móvel e nómadas digitais aumentou a procura por locais de trabalho flexíveis e responsivos. Por outro lado, os espaços de *coworking* articulados com locais de hospitalidade tradicionais, como hotéis e restaurantes, transformam-nos em pontos de venda que combinam diversão e trabalho.

A abordagem cada vez mais digital em relação aos espaços de alojamento, bem como o uso generalizado de sistemas de reserva online, tornou esses locais mais fáceis de alcançar. Também as visões em relação aos espaços de trabalho têm mudado ao longo dos tempos, baseando-se cada vez mais em comunidades, e os espaços de *coworking* oferecem exatamente essa oferta de produto, que integra o conceito de comunidade, de trabalho e de tecnologia (Merkel 2022). Assim, o conceito de hospitalidade em ambientes de *coworking* está a mudar as conceções tradicionais ao incorporar trabalho com momentos de lazer e convívio com as comunidades locais.

Conforme salientado por Merkel (2022), os ambientes de *coworking* evoluíram para se tornarem fatores-chave nos ecossistemas de hospitalidade ao serem reconhecidos pela sua capacidade de atuar como uma espécie de infraestrutura social onde pessoas se encontram para colaborar uns com os outros formando assim comunidades muito específicas. Este ambiente beneficia não apenas trabalhadores remotos e nômadas digitais ou freelancers, mas também a integração de serviços tradicionais de hospitalidade e soluções de espaço de trabalho. Especialmente porque muitos espaços de *coworking* estão agora integrados em hotéis e outros locais de hospitalidade. Os eventos comunitários frequentemente realizados nesses espaços também fortalecem os laços entre as pessoas e contribuem para a criação conjunta de valor para as economias locais e para o setor do turismo. Os espaços de trabalho compartilhados têm uma importância significativa ao atrair empresários e influenciar o crescimento das cidades de forma ampliada. Além disso, eles também impactam as estratégias de turismo e urbanismo municipal (Merkel 2022). Deste modo, a necessidade de espaços de *coworking*, acomodações flexíveis e vários serviços de hospitalidade aumentou com a transformação de muitos profissionais em nômadas digitais, com empresas respondendo às necessidades dessa população, fornecendo instalações com internet rápida, serviços personalizados e experiências culturalmente integradas. O aumento da procura de nômadas digitais, impulsionado pela pandemia, destacou a importância das empresas de hospitalidade se tornarem mais adaptáveis e sensíveis às mudanças nos hábitos de viagem. Em suma, os nômadas digitais estão a alterar as economias locais e os serviços de hospitalidade aumentando a procura, fortalecendo os vínculos comunitários e incentivando a sustentabilidade (Poulaki et al., 2023).

2.6.2 Fatores determinantes na escolha de destinos turísticos

Segundo Hinlayagan et al. (2023), os elementos que influenciam as decisões de seleção de destinos dos turistas são diversos e complexos. Entende-se que um destino é mais do que apenas um produto turístico que fornece uma experiência ao visitante; é também um produto que o turista interpreta subjetivamente, ou seja, os viajantes têm várias razões para visitar um local específico (Hinlayagan et al., 2023). Já os nômadas digitais geralmente escolhem os lugares para conhecer a cultura e os recursos locais, não necessariamente para usufruir do destino como um produto turístico (Sztuk, 2023). A percepção de um destino entre turistas e a motivação para visitá-lo podem ser

mediadas pela identidade da marca do destino, conforme sugerido por Yan et al. (2024). A marca de destino é essencial na indústria do turismo, servindo como uma ferramenta poderosa para moldar como os turistas percebem e interagem com um território. Ela cria uma identidade única, uma espécie destaque em relação às outras opções, que desempenha um papel significativo na formação das percepções dos turistas. A individualidade de um local não é meramente um rótulo superficial, mas abrange componentes emocionais, afetivas e cognitivas que influenciam profundamente como um destino é visto (Yan et al., 2024). A ideia de a identidade da marca ser bem elaborada, tem a ver com promover uma forte conexão com os turistas, levando ao aumento da fidelidade e visitas repetidas. Essa conexão é crucial, pois os turistas geralmente associam o valor de sua experiência à identidade da marca do destino. Os turistas hoje têm grandes expectativas em relação à infraestrutura e comodidades, que são essenciais para a identidade da marca de um destino. Neste contexto, Sztuk (2023) explora os principais elementos que contribuem para a atração das cidades a partir da perspectiva mais específica dos nômadas digitais, enfatizando a importância desses aspectos no processo de tomada de decisão dessa população distinta. O estilo de vida nômada digital distingue-se pelo compromisso com as viagens, o conhecer novos lugares. É tão destacado que é mais do que apenas um tipo de emprego remoto; é também um modo de vida. Neste ponto, é importante distinguir entre os termos "nômada digital", que se refere a um trabalhador móvel realizando tarefas de trabalho de qualquer local escolhido voluntariamente no mundo usando tecnologia digital, e "nomadismo digital", que se refere ao modo de vida conduzido e desenvolvido por tais trabalhadores viajantes (Sztuk, 2023).

Assim, torna-se importante comparar visitantes e nômadas digitais para determinar as suas preferências ao selecionar um destino turístico (Sztuk, 2023). Um ponto de partida evidenciado por Sztuk (2023) é que os turistas poderão não estar, à partida, totalmente informados sobre todo o contexto socioeconómico da cidade que visitam. E por vezes também evitam uma integração mais aprofundada e envolvimento mais próximo com a população local, conhecendo as cidades ou países de forma mais superficial e baseando-se principalmente em conhecer os principais pontos de atração turística que visitam. Já os nômadas digitais estarão mais interessados em explorar seus arredores e participar naquilo que se designa como turismo lento (*slowtourism*), ou seja, conhecer de uma forma mais próxima, aprofundada e envolvente as características socio culturais, os hábitos e modos de vida das populações onde se integram. A sua mobilidade é impulsionada por procurar novas experiências, e pode ser dividido em três

categorias distintas: i) trabalhadores remotos que não viajam frequentemente; ii) trabalhadores remotos que viajam frequentemente, apesar de terem residência permanente num país; iii) e trabalhadores remotos que viajam frequentemente e que não têm residência permanente num país (Sztuk, 2023).

Para Lacárcel, Huete e Zerva (2024), as decisões de destino dos nómadas digitais são fortemente influenciadas pelo conteúdo gerado pelos utilizadores digitais, enfatizando a importância das avaliações e partilhas de plataformas digitais. No cenário global “hiperconectado” da atualidade, o conteúdo digital gerado e partilhado através das plataformas digitais e redes sociais é essencial para nómadas digitais. Fornece uma fonte útil e ilimitada de informações, permitindo que esses trabalhadores remotos entendam as complexidades, desafios e particularidades dos seus destinos potenciais. Ao explorar o conteúdo gerado por outros utilizadores, os nómadas digitais podem fazer apreciações mais fundamentadas sobre sua realocação temporária (Laccarcel, Huete, et al., 2024; Ata et al., 2022). Estes autores explicam ainda que as redes sociais são um canal importante para troca e disseminação de conteúdo, permitindo que as marcas, e neste caso em particular, os conteúdos sobre destinos, comuniquem significativamente com o seu público-alvo. As informações criadas pelos utilizadores são particularmente importantes porque fornecem avaliações e opiniões objetivas de outros viajantes. Esse feedback em tempo real permite que os nómadas digitais construam uma imagem mais confiável e verdadeira dos destinos que desejam visitar. Os nómadas digitais geralmente usam plataformas específicas, como Nomad List, Remote OK e Work From, para escolher os seus destinos, para além de serem utilizadores assíduos das redes sociais X, Facebook ou Instagram, onde partilham as suas experiências através de vídeos e fotos. Além dos aplicativos mencionados acima, existem muitos outros que mostram testemunhos em tempo real sobre o custo de vida, qualidade da internet, clima, segurança, informações sobre outras comunidades nómadas e muitas outras características. Para Bahri (2024), a natureza mutável do nomadismo digital enfatiza a importância das redes sociais em influenciar tendências de migração e moldar opiniões. Segundo Ria et al. (2024), são vários os fatores que determinam a satisfação dos visitantes e a intenção de regressar a um destino turístico. Entender esses fatores que influenciam a felicidade e a disposição dos turistas em regressar a um local é imprescindível para melhorar as experiências turísticas, promover práticas de turismo sustentáveis e desenvolver economias locais neste sentido. A motivação por detrás da visita a um local turístico decorre da curiosidade de testemunhar algo extraordinário e de valor estético (Ria et al., 2024). Noutras palavras, visitantes satisfeitos são mais

propensos a sugerir o local turístico a outros e a contar às pessoas as suas experiências, o que aumenta a probabilidade de visitarem novamente no futuro. Essa intenção pode ser caracterizada como um desejo que resulta da avaliação positiva do uso de serviços turísticos e é impactada pelas percepções e valores dos visitantes.

No estudo de Ria et al. (2024), a satisfação do turista é definida através das reações emocionais e/ou intelectuais que resultam da interação com um lugar único. Para Wang e Kirilenko (2021), a origem cultural de um visitante influencia a sua expressão de contentamento ou descontentamento com sua experiência de viagem. Esta métrica envolve uma avaliação subjetiva dos serviços e atividades recebidos ao longo da viagem, comparando o desempenho real com as expectativas iniciais. Quando essas expectativas são satisfeitas ou superadas, a satisfação do visitante aumenta, potencialmente levando a um desejo de repetir a experiência e comportamento de recompra. Como Ria et al. (2024) apontam, a satisfação do turista é crítica para entender a intenção de regressar aos locais turísticos, pois indica o quanto os desejos e expectativas dos visitantes foram atendidos.

Deste modo, são vários os critérios que os nómadas digitais levam em consideração no momento de decidir o lugar para onde vão viajar. Aspectos relacionados com a acessibilidade, a segurança, o custo de vida e o acesso a serviços essenciais, como alojamento, restauração, assistência médica, entre outros, são fatores decisivos (Rucci e Porto, 2022; Sztuk, 2023). A acessibilidade relaciona-se com a facilidade de mobilidade e infraestruturas adequadas que são necessárias para que os nómadas digitais se estabeleçam nos locais visitados. A este propósito, Sztuk (2023) enfatiza a importância de adotar conceitos de gestão urbana que valorizem a atratividade turística e a aceitação de nómadas digitais para maximizar os benefícios para as comunidades locais, ou seja, é importante que esses indivíduos sejam vistos como profissionais que tendem a trazer benefícios económicos às cidades. As questões relacionadas com a segurança têm a ver com nível das taxas de criminalidade e a forma como o destino é visto como sendo mais ou menos seguro. Já relativamente ao custo de vida, as opções de alojamento e acesso a uma conexão rápida de internet desempenham um papel crítico na tomada de decisão. Apesar de se considerarem importantes e especificamente vocacionados para este segmento, os nómadas digitais não necessitam exclusivamente de espaços de *coworking* ou *coliving* para realizar as suas atividades laborais; também podem utilizar locais públicos como cafés com conectividade Wi-Fi. Alguns decisores políticos já estão a implementar medidas específicas para captar a atenção deste mercado, como a facilitação dos trâmites burocráticos, a obtenção de vistos ou até a

criação de programas com incentivos específicos para estadas de maior duração. Este contexto é reforçado por Bahri, (2024), que refere que os decisores políticos devem criar alternativas de visto e estruturas regulatórias mais personalizadas para nómadas digitais, para motivar e impulsionar a procura dos nómadas digitais. Justamente pela opção de vistos ou possibilidades de estadia legal voltados à permanência desses profissionais, países como Indonésia, Tailândia, Espanha e Nicarágua estão entre os principais destinos para nómadas digitais (Bahri, 2024).

Por tudo isto que foi analisado, prevê-se que o fenómeno do nomadismo digital venha a ter um impacto ainda maior nas dinâmicas de migração em todo o mundo, e que a tendência do trabalho remoto só tende a aumentar. A ascensão do nomadismo digital questiona os paradigmas de migração estabelecidos, integrando-se de forma sustentada no contexto da atividade turística dos destinos. A tecnologia e a globalização permitem que nómadas digitais levem estilos de vida independentes de localização, mudando os padrões de emprego e mobilidade, enquanto a competitividade dos destinos turísticos permite que os locais visitados pelos nómadas digitais também vão alternando de acordo com as suas preferências e motivações turísticas.

3. METODOLOGIA

O nomadismo digital, que envolve a utilização de tecnologias digitais independentes de localização para ganhar a vida enquanto viaja, está se tornando cada vez mais popular (Kuthalingam, 2024). Através de uma abordagem qualitativa, com aplicação de entrevistas, este estudo procura fornecer uma compreensão dos fenómenos do nomadismo digital examinando as maneiras pelas quais uma variedade de opções de alojamento, espaços de *coworking*, acessibilidade e desafios burocráticos afetam as escolhas dos destinos por parte destes visitantes. Foram entrevistadas dezesseis pessoas, nómadas digitais, escolhidas com base na análise dos seus estilos de vida. Os participantes serão identificados como Entrevistado(a) e mais o número atribuído pela ordem das entrevistas, exemplo: Entrevistado 01 até o Entrevistado 16. Os nomes foram suprimidos para preservar a identidade, garantindo o anonimato de todos. Através de uma pré-entrevista tentou-se motivar o interesse dos participantes em participar no estudo formal e preparar a entrevista formal. Todas as entrevistas foram transcritas com a originalidades dos vícios de linguagem e relatos pessoais de cada participante.

Em termos metodológicos, inicialmente foi realizada a revisão de literatura, apresentada nas secções anteriores, fornecendo a estrutura teórica necessária para compreender as razões e a forma em como o nomadismo digital vem-se desenvolvendo. Esta análise explora como a escolha do destino é influenciada por fatores culturais, tecnológicos e legais, bem como a questão do alojamento e a expansão do número desses profissionais, não só enquanto nova dinâmica no mercado de trabalho, mas também enquanto novo segmento turístico mundial. Em concordância com Rasulov (2021), o mundo tornou-se num mercado turístico global. Turistas procuram identificar e selecionar a melhor alternativa com base em suas necessidades e interesses. Assim também acontece com os nómadas digitais, que passaram a privilegiar a procura por qualidade de vida e desafiar os métodos tradicionais de trabalho em função disso.

Para além da revisão da literatura, desenvolveu-se também a recolha de dados empíricos, optando-se por uma abordagem qualitativa de modo a perceber de uma forma mais aprofundada as perspetivas e opiniões dos nómadas digitais. De acordo com Navarrete (2024), enquanto as abordagens quantitativas se destacam no estudo do impacto de uma variável sobre outra, os métodos qualitativos são essenciais para entender os processos que impulsionam eventos de interesse. Investigadores

qualitativos têm enfatizado cada vez mais as vantagens distintas das suas metodologias para empreender análises causais (Navarrete, 2024). Através de uma análise qualitativa, este estudo recolhe dados primários utilizando entrevistas realizadas a nómadas digitais reais. A escolha das pessoas a entrevistar foi feita a partir da seleção de perfis de redes sociais, como Instagram e Facebook, e através da indicação de nómadas entrevistados que, por sua vez, indicavam outros nomes.

A análise interpretativa permite tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, permite ler nas entrelinhas ao explorar a fecundidade das ideias expostas, cotejando com outras e em diálogo com o autor, no caso, os entrevistados (Severino, 1992). Relativamente à estratégia de recolha de dados, tal como referem Prior e Lachover (2023), cada vez mais entrevistadores e entrevistados comunicam através das ferramentas digitais. Estes autores conduziram um estudo de entrevistas online usando uma técnica qualitativa que incluiu muitos procedimentos críticos para garantir a precisão e profundidade dos dados, refletindo sobre as relações de poder em entrevistas qualitativas online. Nesse estudo, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, garantindo que os comentários dos participantes fossem representados com precisão. Além disso, estes investigadores ressaltaram a importância uma abordagem reflexiva no método qualitativo de entrevistas, tomando notas imediatamente após cada entrevista para documentar descobertas sobre indicadores não verbais, como gestos e linguagem corporal, bem como seus próprios comentários sobre a interação. Essa estratégia é essencial para minimizar possíveis vieses interpretativos e para assegurar que a experiência do participante seja capturada de maneira autêntica e completa, contribuindo, assim, para a validade e profundidade dos resultados da pesquisa qualitativa.

Contudo, seja através da interação pessoal ou online, as entrevistas fornecem dados específicos sobre experiências particulares e escolhas pessoais dos participantes. Anyan (2013) afirma que o método de entrevista envolve solicitar aos entrevistados que descrevam suas vidas em eventos específicos para ajudar a avaliar a significância dos fenómenos que foram registados. Para Anyan (2013), a análise qualitativa pode ser também definida como uma espécie de técnica exploratória, pois esta visa dar aos investigadores uma compreensão detalhada de um fenómeno, indo além de descrições superficiais.

Tendo em conta que os nómadas usam ferramentas digitais para executar tarefas e comunicar com as suas equipas enquanto trabalham de forma remota de vários locais (Kuthalingan, 2024), neste estudo as entrevistas foram conduzidas sobretudo à

distância, através de chamadas de vídeo. Os entrevistados encontravam-se distribuídos em diferentes partes do mundo e, como tal, esta foi a forma mais adequada para realizar tal tarefa. As entrevistas foram transcritas para se poder analisar e trabalhar os dados e desse modo identificar padrões nas decisões de escolha, tanto dos destinos de viagem, como de alojamento.

Os testemunhos dos entrevistados permitiram-nos assim compreender melhor as dinâmicas e motivações que orientam as suas decisões de alojamento e destinos, assim como o porquê de escolherem o nomadismo digital enquanto modo de vida.

3.1. Objetivos da investigação

O foco principal desta pesquisa empírica, planejou produzir e analisar dados de experiências da realidade (Alexandre, 2014), estabeleceu uma problemática que visa entender o que influencia as escolhas de moradia e vida dos nómadas digitais. O estudo visa descobrir as principais razões e necessidades que levam a essas escolhas, observando aspetos diversos, tais como instalações, infraestruturas, acesso à internet e como o trabalho e o tempo livre são equilibrados. A vida dos nómadas digitais é essencialmente fundamentada na ideia de movimento e quebra de padrões tradicionais, tanto do viver, como do trabalhar. O principal ponto de partida do estudo é então identificar os principais elementos que afetam essas decisões, tendo em consideração as suas necessidades de comodidades, serviços, infraestruturas e conectividade, bem como a interação entre o trabalho e o lazer.

As entrevistas qualitativas têm sido amplamente utilizadas para entender melhor os motivos dos clientes, assim explica Roberts (2020). Essa forma de recolha de dados, e, portanto, de estudo, oferece uma exploração aberta e aprofundada sobre um tema no qual o entrevistado tem ampla experiência, normalmente acompanhada de opiniões e perspectivas significativas. De acordo com Roberts (2020), investigadores qualitativos são classificados como naturalistas porque acreditam que a realidade está sempre a mudar e é subjetiva, e que as informações devem ser recolhidas indiretamente por meio das perceções e interpretações de outros. O investigador trabalha com a suposição de que, durante uma entrevista, os participantes do estudo interpretariam o tema em análise à luz das suas experiências e vieses, filtrados pelo contexto.

Para além do objetivo geral da pesquisa, foram identificados também os objetivos específicos, que posteriormente ajudaram a orientar a estrutura do guião de entrevista.

Esses objetivos procuram permitir a recolha de dados relevantes, permitindo um melhor conhecimento das preferências e comportamentos dos nómadas digitais em relação a opções de alojamento e estilo de vida. Delinear claramente esses objetivos também garante que os instrumentos de pesquisa respondam às principais preocupações do estudo, fornecendo uma base firme para análise e interpretação dos resultados. Abreu (2024) observa que o nomadismo digital se refere a um modo de vida e não a uma carreira. Nesse sentido, é fundamental descrever com veracidade as percepções e experiências dadas pelos participantes, garantindo que os seus argumentos sejam adequadamente representados. A Tabela 1 apresenta de forma sintetizada os objetivos desta investigação.

Tabela 1: Objetivos do trabalho de investigação

OBJETIVO GERAL
Compreender o estilo de vida dos nómadas digitais, bem como suas preferências e critérios específicos na escolha de destinos e acomodações.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Objetivo 1: identificar particularidades do estilo de vida dos nómadas digitais e os fatores que influenciam suas escolhas de destinos.
Objetivo 2: analisar os fatores que levam esses profissionais a optarem por alternativas ao modelo tradicional de trabalho, evidenciando as motivações subjacentes à adoção de um estilo de vida mais flexível e itinerante.
Objetivo 3: investigar as preferências determinantes no processo de escolha de acomodações ou residências temporárias, identificando os critérios que influenciam diretamente essa decisão.

Fonte: elaboração própria

3.2. Instrumentos de recolha de dados

Este estudo aborda uma metodologia qualitativa onde, após a revisão de literatura, foram realizadas entrevistas exploratórias individuais com nómadas digitais. As entrevistas ocorreram on-line, visto que todos os participantes se encontravam em países diferentes, com fuso horário distintos. Portanto, o agendamento se deu a partir da prioridade dos entrevistados que definiram o melhor momento para realização da

videochamada. No dia da entrevista, os participantes estavam em espaços compartilhados ou em suas residências temporárias. A conversa iniciou com um breve bate-papo, esclarecimento dos objetivos da pesquisa e com a confirmação de ciente sobre a participação voluntária. Assim como explicam Prior e Lachover (2023), um método útil e acessível com muitos benefícios é a entrevista síncrona online, suportada por videoconferência. Esta ferramenta permite economizar tempo e recursos financeiros, possibilitando que investigadores conduzam estudos transnacionais sem ter que viajar, mantendo, contudo, o anonimato entre participantes.

Roberts (2020) enfatiza a necessidade de criar perguntas precisas de entrevista qualitativa para garantir a recolha eficaz de dados, particularmente para investigadores iniciantes. Sendo assim, é essencial criar guiões de entrevista organizados que atendam aos requisitos de ética, ao mesmo tempo em que permitem flexibilidade durante o processo de entrevista. Se um investigador deseja compreender a perspectiva subjetiva do sujeito da pesquisa sobre o que ele ou ela experimentou na vida, uma entrevista é considerada uma técnica apropriada. Entrevistas qualitativas fornecem aos investigadores perspectivas únicas sobre as experiências fundamentais das pessoas no mundo real. Em todo o processo, o participante do estudo e o entrevistador devem colaborar mutuamente. Para Roberts (2020), os participantes de uma pesquisa explicam as suas experiências e descrevem suas decisões, sendo que é responsabilidade dos investigadores envolver ativamente os participantes no processo de entrevista e provocar uma reação ativa. É um processo dinâmico, onde os entrevistadores instigam indiretamente os participantes a darem mais informações e respostas mais completas numa tentativa de melhorar a compreensão, procurar esclarecimentos e, mais importante, articular com as perguntas seguintes (Roberts, 2020). De acordo com Massey e Cain (2024), as perguntas podem começar amplas e tornar-se mais direcionadas à medida que o investigador recolhe mais informação sobre a área de interesse. Deste modo, o guião de uma pesquisa qualitativa frequentemente aborda porquê um evento, experiência ou fenómeno ocorreu, como se desenrolou, como foi e/ou o que significou. As perguntas de entrevista devem ser capazes de obter respostas detalhadas e relevantes para o tópico de interesse, procurando manter o envolvimento do entrevistado durante todo o processo. Como Balasanyan e Gevorgyan (2024) apontam, entrevistas em profundidade dependem do conhecimento comum de como conversar e desenvolver conexões, o que é fundamental para recolher dados autênticos, compreendendo as interações das pessoas com os seus ambientes e escolhas. De acordo com os mesmos autores, essa técnica não apenas enriquece a pesquisa ao

obter acesso a camadas mais individuais e exclusivas das experiências dos entrevistados, mas também permite uma análise de dados preferentemente contextual com à realidade social em mudança.

Para este estudo, o guião da entrevista foi elaborado com base em onze perguntas descritivas e, em conformidade com Massey e Cain (2024), as perguntas estão devidamente enquadradas com o tópico da pesquisa, bem como com os objetivos e a meta do estudo. Com base nesse princípio, o principal objetivo deste método consiste então em compreender como o nomadismo digital se tornou parte da vida desses indivíduos, analisando também o papel catalisador da pandemia de Covid-19 nesse processo de transformação.

3.3. Desenvolvimento do guião da entrevista

Esta seção fornece uma análise qualitativa de entrevistas, com foco nas percepções, experiências e motivações dos nómadas digitais. Com base na estrutura teórica anterior, as respostas serão contextualizadas seguindo a ordem das perguntas, no total foram 11 questionamentos, com a finalidade de fornecer uma compreensão dos fenômenos que cercam o nomadismo digital. Por opção não serão apresentadas todas as respostas, apenas algumas que representam observações ou se assemelham ao comentário dos outros entrevistados. O objetivo é permitir uma melhor contextualização da realidade do nomadismo digital a partir daqueles que vivem esse novo modelo de vida e profissão. O que corrobora com Goldenberg (2000, p. 94) que diz:

“Deve-se analisar comparativamente as diferentes respostas, as ideias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de maneira mais ampla. Este momento exige muito tempo de reflexão e dedicação para se tirar o máximo de ideias de cada resposta conseguida.”

Os procedimentos envolvidos no desenvolvimento de um estudo com um desenho de pesquisa qualitativa são descritos por Capulso et al. (2022). De acordo com os autores, entrevistas individuais lançam luz sobre atitudes, crenças, comportamentos e dinâmicas de grupo. Para construir as seções da entrevista, foi necessário criar áreas que determinam as razões para determinar as perguntas que devem ser identificadas e

descritas. As categorias descritivas para cada seção estão listadas abaixo, com a explicação de como o guião foi elaborado e a conexão entre as perguntas, com a intenção de também envolver os entrevistados para que as descrições de suas experiências individuais fossem mais detalhadas.

Capulso et al. (2022) reforçam a necessidade de que as questões de pesquisa qualitativa sejam abertas e imparciais. Essa abordagem garante que as questões não façam suposições sobre as crenças do entrevistado ou sugiram expectativas que viessem as respostas. Para desenvolver a entrevista utilizada no estudo, foram seguidos conceitos teóricos, vinculando os objetivos da pesquisa à literatura relevante sobre nomadismo digital.

A identificação pessoal dos entrevistados, como nome, idade e nacionalidade, é essencial para entender como os traços individuais influenciam as percepções, decisões e comportamentos dos participantes, neste caso, nômadas digitais. Segundo Coscioni et al. (2024), essas informações expandem a profundidade dos dados.

O entendimento de Capulso et al. (2022) é seguido por outra questão demográfica: "Qual é sua formação acadêmica e ocupação atual?" Esta questão enfatiza a importância de reunir informações contextuais e demográficas.

Entender o histórico do entrevistado é essencial para compreender melhor as motivações que impulsionam a adoção do estilo de vida nômada digital. De acordo com Capulso et al. (2022), estudar as histórias pessoais dos participantes pode revelar fatores que impulsionaram o surgimento do nomadismo digital. Nesse contexto, foram formuladas as seguintes perguntas: "Poderia compartilhar um pouco sobre a sua trajetória até o momento?"; e "O que o (a) motivou a se tornar um(a) nômada digital e qual foi o ponto de virada que (o) a levou a optar por esse estilo de vida?". Nesse cenário, evitar suposições nas perguntas é essencial para manter a objetividade e permitir que as crenças dos participantes surjam organicamente durante a entrevista. Seguidamente, questões mais específicas, como "Em média, quantos lugares você visita ou mora por ano?", também foram desenvolvidas usando as diretrizes de Capulso et al. (2022). Essas perguntas devem ser bem definidas porque auxiliam no mapeamento de padrões de comportamento e movimento. Já a pesquisa de Özgen Çiğdemli, Yayla e Çiğdemli (2024) destaca a importância de entender as características e preferências dos nômadas digitais ao selecionar os destinos e as opções de alojamento: "Como você escolhe os seus destinos? Descreva quais fatores são mais relevantes na sua decisão." Neste contexto, Mariati et al. (2023) enfatizam a importância das infraestruturas, acessibilidade e conforto, pois todos esses fatores afetam a

produtividade e o nível de satisfação destes indivíduos. Assim, de forma mais específica, foi questionado: “O que é essencial para você ao selecionar o seu alojamento? Poderia também comentar se e/ou como determinados destinos impactam na hora de escolher alojamentos?”.

De seguida, pretendia-se aferir a percepção sobre a utilização de espaços ainda mais específicos associados aos nómadas digitais. Nesse sentido, a utilização de espaços de *coworking* também foi abordada com base na afirmação de Koll (2021) de que a disponibilidade desses espaços é um fator-chave na seleção do destino devido à sua influência direta na experiência de trabalho remoto e na socialização: “Você utiliza espaços de *coworking* nos locais em que fica hospedado? Por favor, compartilhe sua opinião sobre a utilização desses espaços.”

Além disso, ao discutir os desafios encontrados ao viajar para diferentes países ou cidades, a fundamentação desta questão se apoia em Arslan (2024), que defende a necessidade de regulamentações específicas para o nomadismo digital, levando em consideração fatores como vistos, segurança e infraestrutura. Assim, foi também questionado sobre "Quais os principais desafios que você encontrou nos países ou cidades que visita? (Por exemplo: questões políticas, requisitos de visto, segurança ao viajar sozinho, infraestrutura, etc.)". A intenção desta questão prende-se com o aumento do entendimento sobre os desafios que essas pessoas enfrentam e das potenciais soluções que podem ser aplicadas pelos gestores de turismo e formuladores de políticas.

Finalmente, a questão sobre propostas para aumentar a adaptação dos destinos turísticos às procuras dos nómadas digitais é baseada no trabalho de Ji, Kim e Kim (2024), que enfatiza a importância de ajustar a infraestrutura e as regulamentações para se adequar à ascensão do estilo de vida. Isso requer não apenas garantir conectividade adequada ou mais opções de alojamento, mas também estabelecer um ciclo de desenvolvimento sustentável que beneficie tanto os nómadas quanto as áreas que eles visitam.

De modo geral, a entrevista procura a captura das especificidades da existência e crescimento do número de nómadas digitais em contrapartida aos modelos tradicionais de vida e trabalho. As perguntas foram cuidadosamente estruturadas para que as experiências, motivações e obstáculos dos entrevistados pudessem se manifestar espontaneamente, permitindo uma melhor compreensão de suas escolhas de destino e alojamento, bem como outros elementos que influenciam o estilo de vida móvel.

Com base nas entrevistas realizadas, os dados recolhidos serão examinados qualitativamente, com o objetivo de identificar tendências, divergências e fatores relevantes que podem nos ajudar a entender as necessidades e preferências dos nómadas digitais. Na seção a seguir, será desenvolvida essa análise de resultados, destacando as percepções primárias dos entrevistados e vinculando-as ao contexto teórico previamente estabelecido.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção fornece uma análise qualitativa das entrevistas, com foco nas percepções, experiências e motivações dos nômadas digitais. Com base na estrutura teórica anterior, as respostas serão contextualizadas a fim de fornecer uma compreensão dos fenômenos que influenciam o nomadismo digital.

O estudo visa coletar não apenas informações demográficas e educacionais, mas também experiências e reflexões dos participantes com o propósito de identificar tendências e padrões em suas histórias. Todas as entrevistas foram transcritas com vícios de linguagem e a experiência pessoal de cada entrevistado, no grupo dos participantes a maioria é composta por brasileiros, total de 14, e dois europeus, um alemão e uma portuguesa. Quanto ao gênero, são identificadas 14 respondentes femininas e dois masculinos. A faixa etária dos entrevistados está entre 26 e 52 anos, e quanto ao nível de escolaridade dois respondentes não possuem Ensino Superior. As informações dos entrevistados podem ser observadas na Tabela 4.2, que corresponde as informações produzidas a partir da primeira e da segunda perguntas do questionário. A partir dos dados produzidos por meio da entrevista e sua posterior tabulação e análise, foi possível observar congruências nos discursos que descrevem trajetórias vinculadas ao contexto do nomadismo digital e que em sua maioria passam a fazer parte do projeto de carreira e mesmo de vida dos entrevistados a partir da pandemia da COVID-19.

Com base nos dados apresentados na Tabela 02, um ponto importante no contexto de convergência de motivações para o nomadismo digital, é a faixa etária diversa, com entrevistados entre 26 e 52 anos, evidenciando como o desejo de liberdade e a busca por flexibilidade no trabalho transcendem gerações, sendo que 35% dos entrevistados começaram no nomadismo digital antes dos 25 anos. Assim como a faixa etária, as experiências profissionais e formações educacionais também seguem o mesmo princípio de diversidade, com alguns trabalhando em direito, design, tradução e outros em marketing digital e desenvolvimento de conteúdo. Devido a essa variabilidade, Kozak, Cetin e Alrawadieh (2024), o nomadismo digital está se tornando cada vez menos padronizado e restrito a ocupações específicas.

Tabela 2: Objetivos do trabalho de investigação

Identificação	Idade	Sexo / Género	Nacionalidade	Formação	Profissão / Ocupação
Entrevistado 01	28	F	Portuguesa	Farmácia	Farmacêutica
Entrevistado 02	33	F	Brasileira	Psicologia	Professora e tradutora
Entrevistado 03	52	F	Brasileira	Direito e Doutora em Direito Ambiental	Advogada e pesquisadora
Entrevistado 04	30	F	Brasileira	Design	Autónoma (<i>Head of Strategy</i> para um estúdio de design e mentora em assuntos relacionados a trabalho remoto).
Entrevistado 05	30	F	Brasileira	Não concluiu a faculdade	<i>Customer service - marketing</i>
Entrevistado 06	26	F	Brasileira	Relações Internacionais	Trabalha em um ONG e realiza voluntariado
Entrevistado 07	29	F	Brasileira	Jornalismo	Criação de conteúdo para redes sociais
Entrevistado 08	29	F	Brasileira	Engenharia Civil	Projetista
Entrevistado 09	27	M	Alemã	Sem graduação	Área de vendas – IT <i>account executive</i>
Entrevistado 10	27	F	Brasileira	Marketing	Marketing digital
Entrevistado 11	35	F	Brasileira	Odontologia e Administração Empresarial	Empresária e consultora
Entrevistado 12	27	F	Brasileira	Direito	Advogada Júnior
Entrevistado 13	33	M	Brasileiro	Relações Internacionais	Redator freelancer e influenciador
Entrevistado 14	32	F	Brasileira	Letras	Professora de inglês
Entrevistado 15	28	F	Portuguesa	História e Letras	Especialista de Relações Académicas
Entrevistado 16	32	F	Brasileira	Design	Proprietária de start-up de design de serviços

Fonte: elaboração própria

No total, foram entrevistadas dezasseis pessoas, com encontros realizados entre dezembro de 2023 e maio de 2024 via plataforma Google Meet. A coleta de dados foi organizada em torno de um guia de entrevistas estruturado em quatro categorias principais — origem; histórico de viagem; gerenciamento de rotina; e, seleção de destino e escolha de acomodação — subdivididas em onze subcategorias, detalhadas a seguir.

Tabela 3 – Categorias da entrevista

Categorias	Temáticas	Descrição
01 - Origem	Informações pessoais	Nome, idade e nacionalidade
01 - Origem	Formação e ocupação	Formação académica e ocupação atual
02 - Histórico de viagem	Partilha de trajetória	A inspiração para se tornar um nómada digital e o momento decisivo que levou a essa decisão.
02 - Histórico de viagem	Estadia e tempo	Número médio de lugares visitados ou resididos a cada ano e a preferência por estadias curtas ou longas em diferentes cidades.
03 - Gerenciamento de rotina	Gestão de rotina	A forma como gere a rotina e as procuras de trabalho.
02 - Histórico de viagem	Aspetos positivos e negativos	Os benefícios e as desvantagens.
04 - Seleção de destino e escolha de acomodação	Escolhas de destinos	Fatores relevantes na escolha de destinos, preferências.
04 - Seleção de destino e escolha de acomodação	Escolhas de acomodações	Critérios para seleção de hospedagem e seu impacto nas decisões de destino.
03 - Gerenciamento de rotina	Utilização de Espaços de Trabalho	<i>Coworkings.</i>
04 - Seleção de destino e escolha de acomodação	Desafios encontrados	Os principais obstáculos encontrados nos países ou lugares visitados, como questões políticas, vistos, segurança e infraestrutura.
04 - Seleção de destino e escolha de acomodação	Sugestões para Destinos	Propostas ou sugestões para que os destinos turísticos se adaptem melhor às necessidades dos nómadas digitais.

Fonte: elaboração própria

Ao conhecer os sujeitos que fazem parte da pesquisa e o que se deseja observar, chega o momento de descrever as respostas obtidas, deste modo, a terceira pergunta afere qual a principal motivação indicada pelos nômadas digitais que os leva a optar por este estilo de vida. A pergunta em questão solicitou que respondessem sobre sua trajetória profissional até o momento da pesquisa, a motivação pelo nomadismo digital e mesmo quando ou qual o “ponto de virada” para optar por esse estilo de vida.

A trajetória da entrevistada 03 exemplifica essa diversidade. Brasileira, com 52 anos e doutora em direito ambiental internacional, ela se identifica como advogada e pesquisadora. Em 2021, decidiu sair do Brasil e expandir sua atuação para trabalhar remotamente, sendo que a flexibilidade que o nomadismo digital proporciona permite que ela resida e trabalhe de qualquer lugar do mundo, tendo a cidade do Porto em Portugal como base, mas sem a necessidade de fixação geográfica, alinhando suas atividades profissionais e acadêmicas ao estilo de vida nômade. A entrevistada, disse:

“...sou brasileira, mineira, tenho 52 anos e sou doutora em direito ambiental internacional- me identifico mesmo atualmente como advogada e pesquisadora. Em 2021, decidi me tornar advogada na Espanha e em Portugal. Paralelamente a isso, tive a oportunidade de iniciar um pós-doutorado em Portugal e hoje resido, estudo e trabalho no país de forma remota, já que nada me obriga a estar fisicamente em um lugar, tenho o Porto como base, mas vivo viajando e trabalhando.” (Entrevistada 03)

A partir da análise das respostas, foi possível inferir que 100% dos entrevistados indicaram como principal motivação a busca pela liberdade e a necessidade de viver fora dos modelos tradicionais de trabalho, independentemente da idade ou profissão. Como exemplo, a Entrevistada 10 evidencia a importância da experiência e de conhecer lugares novos:

“O que eu mais amo nessa vida de nômade é que cada lugar traz uma experiência nova. Eu consigo viver os lugares de uma forma mais intensa, mais local. Diferente de quando você só tá de passagem como turista, né? E o legal é que toda vez que eu mudo de cidade, sinto como se fosse um “ano novo”. Um recomeço, novas possibilidades. É como se a cada mudança eu pudesse redefinir minha rotina, mudar o que quiser.” (Entrevistada 10).”

A resposta da Entrevistada 10 se assemelha a de outros respondentes que destacam a importância e a necessidade de recomeços contantes e novos aprendizados. Além das experiências individuais, as entrevistas apresentam como as

mudanças sociais e tecnológicas influenciaram os fenômenos do nomadismo digital. Um componente-chave do nomadismo digital é o potencial de experimentar cada novo local de forma legítima, destacando-se a intensidade de viver as experiências locais. O uso de plataformas digitais, que, de acordo com cerca de 82% dos participantes, apoia o estilo de vida nômade ao permitir emprego remoto e engajamento com outros nômadas por meio de redes sociais e fóruns online, intensifica esse desejo de integração e imersão. Essas tecnologias não apenas fornecem uma infraestrutura de suporte, mas também promovem um senso de comunidade por incentivarem as experiências, recomendações (de lugares e acomodações) e também a conexão com outros nômadas digitais.

A primeira parte da entrevista foi importante para aprender as especificidades do estilo de vida de cada nômada digital e investigar suas trajetórias individuais. A análise dos perfis, experiências e momentos decisivos que levaram os participantes a adotarem o nomadismo digital revela as motivações centrais desse estilo de vida. Entre os 17 entrevistados, observou-se unanimidade quanto ao desejo de liberdade geográfica e à procura por alternativas ao modelo de trabalho tradicional. Esse grupo, de forma geral, partilha o desejo por experiências autênticas, vendo no nomadismo digital uma maneira de alinhar trabalho e vida pessoal sem as limitações impostas por uma rotina fixa.

A análise das respostas revelou uniformidade nas motivações relatadas pelos entrevistados para se tornarem nômadas digitais. Quando questionados especificamente sobre o que os levou a adotar esse estilo de vida e sobre o momento decisivo que os motivou a seguir essa jornada, todos os entrevistados indicaram que a procura por liberdade geográfica, paixão por viajar e a insatisfação com os modelos de trabalho tradicionais foram fatores determinantes. Esse consenso reflete um perfil de nômada digital orientado pela vontade de alinhar realização pessoal e profissional com um estilo de vida explorador, conforme se pode constatar através das perspectivas da Entrevistada 1 e da Entrevistada 2:

“...28 anos, Portuguesa, Farmacêutica e Travel Vlogger. Sempre tive muita vontade de viajar e conhecer o mundo. Desde que tive o meu primeiro emprego que o € que juntei foi para viajar. Fiz o meu primeiro mochilão com 23 anos e a partir daí a paixão só aumentou. Decidi trabalhar durante 4 anos e apenas juntar dinheiro para que pudesse deixar o meu último emprego e viajar pelo mundo. Só eu e a minha câmera.”
(Entrevistada 1)

“(...) tenho 33 anos, sou brasileira e psicóloga de formação. Sou professora e tradutora. A partir da pandemia, quando adaptei minha atuação profissional para 100% online, me deparei com a liberdade de poder trabalhar de qualquer lugar. Como sempre fui uma pessoa que gosta muito de viajar, decidi assumir esse estilo de vida.” (Entrevistada 2)

Outro ponto importante no contexto de convergência de motivações para o nomadismo digital, é a faixa etária diversa, com entrevistados entre 25 e 52 anos, evidenciando como o desejo de liberdade e a procura por flexibilidade no trabalho transcendem gerações, sendo que 35% dos entrevistados começou no nomadismo digital antes dos 25 anos. Assim como a faixa etária, as experiências profissionais e formações educacionais também seguem o mesmo princípio de diversidade, com alguns trabalhando em Direito, Design, Tradução e outros em Marketing Digital e desenvolvimento de conteúdo. Devido a essa variabilidade, Kozak, Cetin e Alrawadieh (2024), está se tornando cada vez menos padronizado e restrito a ocupações específicas, os autores indicam que os nómadas digitais não estão mais restritos a profissões ou ocupações ligadas ao desenvolvimento de tecnologia. Na verdade, a tecnologia passa a ser ferramenta de mediação para que diversas atividades ou tarefas profissionais possam ser realizadas remotamente desprendidas da sede da empresa.

Esta etapa de identificação foi essencial para criar a estrutura para a segunda parte da entrevista, que se aprofunda nas escolhas sobre carreira, residência e objetivos de vida através do uso de momentos reflexivos e reavaliações de prioridades. Por exemplo, um dos entrevistados descreveu um momento de introspeção em que começou a questionar suas prioridades, procurando uma vida mais conectada à natureza, mais concretamente através do surf e da praia, embora já estivesse a trabalhar num ambiente não convencional, mas ainda fixo.

“Estava em um momento de vida em que comecei a me questionar em muita coisa, acho que muito relacionado ao meu interesse de poder passar mais tempo na praia e surfar. Eu tinha já um excelente trabalho, diferente dos trabalhos convencionais corporativos, em que eu trabalhava em um estúdio de design na Lagoa da Conceição... Mesmo assim, eu decidi sair do trabalho, vender minhas coisas e tentar morar na Ásia. Eu já tinha conhecido a Tailândia em 2015, e isso me fascinou tanto, que eu prometi pra mim mesma que ia terminar a faculdade e ir morar na Ásia. E foi o que eu fiz, assim que terminei a faculdade, saí do trabalho e fui tentar viver a vida de uma maneira diferente.” (Entrevistada 4)

Viver deliberadamente ou viver com intenção é o que impulsiona muitas pessoas a escolherem o nomadismo digital. De acordo com Souza (2019), o nómada digital associa-se ao perfil turístico de *wanderlust*, que significa o desejo insaciável de viajar e experimentar coisas novas. Essa procura por experiências e autodescoberta contrasta fortemente com os paradigmas convencionais de vida e trabalho, que frequentemente confinam os indivíduos a horários e locais fixos. Para aqueles que optam por uma existência nómada, o desejo de viajar torna-se uma força motriz que permite a libertação das rotinas tradicionais, conforme explica a Entrevistada 5:

“A minha trajetória começou quando eu trabalhava como customer service em uma startup na Argentina. Comecei com 21 anos e fui juntando uma grana. Em 2019, consegui um trabalho remoto numa empresa da Bélgica. Quando a pandemia chegou, eu vi uma oportunidade e decidi largar meu apartamento em Buenos Aires. Comecei a fazer mochilão pelo mundo! A primeira grande virada foi quando fui pra um evento em Amsterdã, e percebi que dava pra trabalhar e viajar ao mesmo tempo. Desde então, fui fazendo voluntariado pra economizar e, aos poucos, fui me estabilizando.” (Entrevistada 5)

Como as entrevistas foram realizadas on-line com perguntas abertas, o método permitiu uma dinâmica mais espontânea e fluida, semelhante a uma conversa presencial. Isso permitiu que os entrevistados fossem além do que foi originalmente perguntado e explorassem mais o tema em análise. Quando questionados sobre suas trajetórias, por exemplo, alguns participantes começaram a oferecer informações adicionais, como suas condições financeiras e como o poder de compra influenciou as suas escolhas e estilos de vida.

Apesar de trilharem caminhos diversos, os entrevistados compartilham um forte desejo de viver intencionalmente e conscientemente, com autonomia. Alguns dos entrevistados, apesar de originalmente não terem uma estratégia específica sobre como se sustentar num contexto de trabalho remoto, tinham clareza sobre o que não queriam e que era ficarem reféns de um horário de trabalho fixo, confinado a um único lugar e com horários determinados. A este propósito, a Entrevistada 11 expressa uma filosofia de vida que coloca as suas experiências pessoais em primeiro lugar, ajustando o trabalho para que ele se encaixe na sua vida, e não o contrário:

“Uma coisa que eu sempre levo comigo é o meu lema, eu encaixo o trabalho na minha vida, e não a vida no trabalho. Sempre que posso, priorizo o que eu quero viver naquele

momento, e o trabalho vai se ajustando. Não abro mão dessa liberdade.” (Entrevistada 11)

De acordo com a perspectiva dos entrevistados, que por sua vez vai ao encontro do que De Souza (2019) expõe, a fuga do modelo tradicional de trabalho, com horários fixos e uma localização centralizada, representa a possibilidade de construir uma vida mais autónoma e flexível. A aversão à estabilidade convencional, bem como a rejeição de padrões de vida que restringem a liberdade de mobilidade e escolha, são motivadores-chave para muitas pessoas procurarem o nomadismo digital, assim como explica o Entrevistado 6:

“Eu queria algo diferente, conhecer novas culturas, ver o mundo de outro jeito. E claro, essa liberdade geográfica de ser nómada digital é um dos grandes atrativos pra mim.” (Entrevistado 6)

As histórias mostram que a decisão de se tornar um nómada digital é mais do que apenas uma mudança de ambiente; é um desejo profundo de autodescoberta, flexibilidade e a capacidade de moldar a própria vida de acordo com as próprias preferências, libertando-se das restrições de um estilo de vida mais convencional. Na transcrição seguinte, a Entrevistada 7 destaca a frustração com a falta de controlo que tinha sobre o seu tempo e espaço no emprego tradicional, contrastando com a possibilidade de viver de forma mais alinhada às suas aspirações pessoais. Este contexto relaciona-se com a literatura analisada sobre o nomadismo digital, que enfatiza a procura por liberdade e autossuficiência como motivações-chave para a escolha de um estilo de vida que ultrapassa as limitações de estruturas profissionais convencionais.

“Passei bons anos da minha vida no mundo CLT, trabalhando em agência de comunicação, meio presa, sem poder explorar o mundo. Só que, no fundo, eu sempre quis ter essa liberdade geográfica, de viajar, de fazer meu horário e viver como eu quero, do jeito que eu quero.” (Entrevistada 7)

Durante as entrevistas, foi possível observar como os nómadas digitais planeiam as suas vidas de modo flexível, especialmente no que diz respeito à duração das estadias. De acordo com os resultados, 23% dos participantes indicaram uma preferência por ficar numa cidade por períodos mais longos, o que lhes permite uma imersão maior na cultura local, a construção de uma rotina mais estável e o

estabelecimento de conexões mais duradouras. Os restantes 77% optam por se deslocar com maior frequência, preferindo explorar vários destinos em intervalos mais curtos, o que lhes proporciona uma experiência mais dinâmica e a oportunidade de vivenciar diferentes culturas e ambientes de trabalho.

O comportamento desses indivíduos varia de acordo com as necessidades profissionais, as preferências pessoais e o desejo de equilíbrio entre trabalho e lazer, refletindo a flexibilidade característica do estilo de vida nómada digital, onde as escolhas de viagens são constantemente ajustadas conforme as oportunidades e os objetivos individuais. Destaca-se também a complexidade e o equilíbrio que o nomadismo digital implica para ser viável a longo prazo, verificando-se uma dinâmica em que a flexibilidade deve ser equilibrada com a procura por consistência, como relata a Entrevistada 4:

“Isso varia bastante, nos últimos anos eu tenho tentado passar temporadas nos meus três lugares favoritos (Flórida, Bahia e Bali) e combinar com no mínimo 3 países novos e um pouco tempo com a minha família em São Paulo. Prefiro ficar no mínimo 1 mês, mas o ideal são 3 meses. Por isso que chamo de “temporadas”. Não gosto de me movimentar muito rápido.” (Entrevistada 4)

Escolher estadias mais longas, geralmente entre um e três meses, é uma estratégia que permite o estabelecimento de uma rotina minimamente estável, de acordo com os relatos dos entrevistados, o que facilita o cuidado com o bem-estar físico e mental, além das responsabilidades de trabalho. Além disso, períodos mais prolongados num local, promovem a formação de vínculos sociais, possibilitando interações mais profundas e rotineiras com as comunidades locais, além de uma maior imersão cultural.

“Não gosto de ficar só 2 ou 3 semanas num lugar, porque aí não dá tempo de criar uma rotina, de focar no trabalho, ou me conectar com as pessoas. Sempre tento ficar pelo menos um mês, ou mais. Pra mim, ser nómada digital exige disciplina, você tem que adaptar sua rotina, garantir que o trabalho flua, e isso só funciona se você fica mais tempo num lugar.” (Entrevistado 9)

A questão da duração da estadia na experiência do nómada digital, enfatizando como estadias mais longas permitem maior imersão na cultura e na comunidade, é um requisito indispensável por aqueles que, principalmente, já estão na “estrada” há mais tempo. Esse ponto de vista é apoiado pela Entrevistada 9, ao descrever seu desafio de

em estabelecer uma rotina e fazer conexões significativas durante estadias breves. Portanto, ambas Entrevistas, 4 e 9, sublinham que o nomadismo digital é mais do que apenas viajar; é também sobre disciplina, vivência e adaptação. Por outro lado, mesmo aqueles que adotaram o estilo de vida nômada recentemente relataram desafios relacionados com a concentração nas procuras diárias, atribuídos às constantes mudanças de ambiente. No entanto, esses últimos tendem a demonstrar menor incômodo com essa dinâmica, ainda que reconheçam os seus impactos na produtividade e na organização pessoal.

Seguindo a linha das entrevistas, é percebido que existem diferentes estratégias e estilos de nômadas digitais, mas em todos esses, enfatiza-se a importância do planejamento e da adaptação às novas realidades, visto que cerca de 82% relataram que possuem algum tipo de problema de concentração para com as procuras de trabalho exatamente pela falta de uma rotina estabelecida e horários de trabalho fixos. A Entrevistada 12 menciona que seguir uma carga horária fixa da sua empresa no Brasil e ao mesmo tempo ter a flexibilidade de iniciar o expediente em horários que consideram o fuso horário local é um recurso que considera importante, pois permite que ela mantenha foco e a produtividade nos períodos em que tem de estar a trabalhar. Essa adaptabilidade não só facilita a realização das suas tarefas, mas também demonstra como uma política organizacional que considera a diversidade de horários pode beneficiar os funcionários que trabalham remotamente, conforme é reforçado no seguinte comentário:

“Sempre consegui manter o foco no trabalho e nos estudos, até porque não tenho muita flexibilidade com os horários. Trabalho no horário do Brasil, seguindo o expediente corporativo, mas a empresa me deu a opção de começar uma hora e meia antes ou depois, dependendo do fuso do país onde estou. Isso já ajuda muito.” (Entrevistada 12)

A Entrevistada 4, que faz parte dos cerca de 82% que sentem dificuldades em focar no trabalho, enfatiza a necessidade de um planejamento ao fazer transições de local, o que implica não apenas em considerar os fusos horários, mas também em gerir as expectativas no ambiente de trabalho. Por isso, o senso de responsabilidade e o cumprimento das obrigações devem estar sempre presentes. O nomadismo digital requer um equilíbrio delicado entre flexibilidade e disciplina, onde a eficácia no trabalho depende de uma gestão consciente do tempo e das procuras profissionais, permitindo que a mobilidade não comprometa o desempenho, conforme é reforçado no comentário seguinte:

“Quando faço uma transição de local, é importante me planejar para lidar com fuso horários e ter um tempo para me acostumar no lugar. Mas “a peteca não pode cair”, eu sempre busco organizar as minhas demandas de maneira que ninguém do trabalho nem saiba que eu fiz uma transição de local. E sempre funcionou super bem. É importante planejar bem os vôos e ter bastante responsabilidade.” (Entrevistada 4)

Percebe-se que pessoas que decidem viver como nômadas digitais normalmente baseiam as suas escolhas de destino em fatores específicos. Assim como os “turistas comuns”, os nômadas digitais levam uma variedade de fatores em consideração ao decidir onde viver e trabalhar temporariamente. De acordo com Kozak, Cetin e Alrawadieh (2024), essas variáveis incluem acessibilidade, atrações turísticas, possibilidades de entretenimento, hospitalidade local, clima, segurança, relação custo-benefício, infraestruturas, regulamentações, requisitos de visto, qualidade do serviço de saúde e qualidade de vida geral, conforme se pode verificar através dos comentários seguintes:

“Quando mudo de local, preciso garantir que a acomodação tenha condições confortáveis pra trabalhar. Por exemplo, estou em Cape Town há um mês e aqui o governo tem uma política de economia de energia, então preciso de um lugar com gerador pra conseguir trabalhar sem problemas.” (Entrevistada 11)

“Gosto de escolher lugares que tenham uma vibe mais tranquila, com praia e, claro, onde eu possa surfar. O surf é uma paixão pra nós dois, então sempre escolhemos lugares que nos permitam viver isso ao máximo.” (Entrevistada 7)

“Mas a verdade é que eu quero seguir as temporadas de ondas cada vez mais, então no início desse ano, fiquei uma temporada em Portugal (a Europa é um lugar bom nessa época para ondas), depois Bali é o melhor lugar no meio do ano.” (Entrevistada 4)

Os dados recolhidos evidenciam que os nômadas digitais entrevistados tendem a adotar abordagens estratégicas na escolha de destinos e alojamento. A Entrevistada 11, por exemplo, destaca a importância de infraestruturas adequadas, utilizando o exemplo de geradores em locais com restrições de fornecimento de energia, para garantir a continuidade do trabalho. Essa necessidade reflete uma adaptação prática às condições locais, evidenciando o planejamento consciente para manter a produtividade mesmo em contextos desafiadores que podem variar de país para país.

Outros aspetos relacionados com o lazer e o estilo de vida também desempenham um papel central nas decisões. As Entrevistadas 7 e 4 mencionam o surf como critério fundamental, escolhendo destinos que ofereçam as melhores condições para a prática, ajustando as suas estadias à sazonalidade. Em conjunto, as respostas indicam que os nómadas digitais desenvolvem uma rotina deliberada, que harmoniza produtividade, lazer e adaptação aos contextos locais, caracterizando um estilo de vida que integra flexibilidade e planeamento estratégico.

“A primeira coisa que faço quando chego em um lugar novo é ajustar meu horário de trabalho pro fuso horário. É super importante ter uma rotina de exercícios, achar comidas que eu curto e, claro, viver em um lugar que me faça sentir em casa.” (Entrevistada 13)

De acordo com a literatura e as análises das entrevistas, a flexibilidade oferecida pelo nomadismo digital é um atrativo significativo, mas procura uma estrutura que favoreça hábitos saudáveis ou rotineiros para ser sustentável. Aspetos como a prática regular de atividades físicas, a disponibilidade de espaços adequados para o trabalho remoto e oportunidades de socialização são apontados como fundamentais para manter equilíbrio e produtividade. De acordo com Sztuk (2024), além de consumir produtos turísticos, gastronómicos e culturais, os nómadas digitais têm certos requisitos de bem-estar, como manter uma rotina que inclua atividade física e equilibrar trabalho e lazer. Para locais que desejam atrair e manter nómadas digitais, fornecer infraestruturas que incentivem esses hábitos é tão crucial quanto os produtos e serviços tradicionais de turismo e hospitalidade, conforme indica o Entrevistado 9:

“...eu curto muito ir à academia ou fazer algum exercício. Então, quando escolho onde ficar, procuro lugares com uma academia por perto ou até dentro do prédio. Cozinhar também faz parte da minha rotina, me dá uma sensação de lar, sabe? Faz eu me sentir mais em casa. Gosto de socializar... quando você viaja sozinho, é superimportante fazer essas conexões. Cada pessoa que você encontra pelo caminho pode agregar de alguma forma.” (Entrevistado 9)

O paradoxo que surge ao decorrer das entrevistas é que, apesar do desejo inicial de se libertar da agenda rígida de um trabalho com local e horários fixos, muitos nómadas digitais, ironicamente, sentem a necessidade de estabelecer uma nova rotina onde quer que estejam. Certa de 80% dos entrevistados dizem que pode ser simples perder o equilíbrio entre trabalho e lazer na ausência de uma rotina definida, além de

que manter esses hábitos faz com que o sentimento de pertença não se perca, independentemente da localização, conforme indica o Entrevistado 13:

“...é preciso estabelecer limites sobre as entregas. Para conseguir conciliar, é preciso ficar mais tempo nos lugares, para estabelecer uma rotina. Antes ficava 3 meses em média em cada país e cidade. Começo ficando um mês e se gostar, vou aumentando a estadia, mas sempre tentando criar uma rotina e conciliar o trabalho e o tempo de conhecer os lugares de formas menos turísticas. Pra mim, é sempre importante perceber que eu não sou um turista em tempo integral, por isso prefiro ficar mais tempo nos lugares, como estou fazendo agora em Paris e como faço sempre que vou pra Ásia.”
(Entrevistado 13)

Todavia, a flexibilidade e a interação com pessoas do mundo inteiro paradoxalmente estão associadas ao aumento no risco de solidão, devido à natureza efêmera das relações sociais e à dificuldade de estabelecer vínculos duradouros. Essa contradição revela que, embora o estilo de vida nômada proporcione muitas conexões, também impõe desafios no que diz respeito à construção de uma rede de apoio emocional estável. Nômad@s digitais podem sentir solidão enquanto separados da família e dos amigos (Miguel et al., 2024). Em consonância com os relatos das entrevistas, demonstra-se uma forte motivação para procurar oportunidades de estabelecer conexões sociais, reconhecendo que o desenvolvimento de relacionamentos e a troca de experiências são elementos fundamentais para o bem-estar. Como explica a Entrevistada 6 ao destacar a valorização das interações humanas e a vivência de novas culturas como aspectos centrais de sua experiência nômada:

“O melhor disso tudo é que eu conheço pessoas novas! Valorizo muito as experiências diferentes e fugir daquela rotina maçante de trabalho. Conhecer novas culturas e aprender com cada pessoa que cruzo no caminho é super gratificante. Mas, claro, tem os pontos negativos. Sinto falta da minha família e dos amigos, e os laços que faço por aí acabam sendo mais temporários. Cada lugar novo tem sua estrutura diferente, então a falta de constância pode ser meio complicada.” (Entrevistada 6)

A discussão dos aspectos positivos e negativos do nomadismo digital, conforme relatado pelos entrevistados, revelou uma concordância quanto às vantagens desse estilo de vida. Entre os pontos positivos, destacam-se a flexibilidade geográfica, a oportunidade de explorar diferentes culturas, a possibilidade de ajustar os horários de trabalho e, principalmente, a maior harmonização entre vida pessoal e profissional, com

ênfase em experiências. Esses elementos são frequentemente ressaltados como fatores que enriquecem a experiência do nômada digital, proporcionando uma vivência mais dinâmica, satisfatória e diversificada, fugindo do que seria o tradicional, conforme refere a Entrevistada 12:

“O que eu mais gosto desse estilo de vida é poder escolher onde morar, onde viajar e, claro, ter a liberdade de trabalhar de qualquer lugar. Essa flexibilidade do remoto me dá mais autonomia, e eu economizo muito tempo não precisando ir até o escritório. Então, a qualidade de vida melhora bastante nesse ponto.” (Entrevistada 12)

Porém, preocupações foram levantadas sobre as dificuldades de construir conexões de longo prazo e a sensação de solidão que pode resultar de mudanças contínuas e da falta de suporte social consistente. Como expressa a Entrevistada 14, a falta de uma rede de apoio consistente, somada à impossibilidade de participar de eventos familiares e sociais importantes, intensifica o sentimento de desconexão, o que pode afetar diretamente o bem-estar psicológico dos nômadas digitais. Esses fatores indicam que, apesar das vantagens do estilo de vida nômada, a solidão e a ausência de estabilidade social representam um custo emocional, e este pode ser enfrentado por meio de estratégias adaptativas, conforme é reforçado pela Entrevistada 14:

“A solidão é uma coisa que pesa, né? A falta de pessoas conhecidas pode fazer a gente se sentir isolado. Além disso, tem os perrengues logísticos que aparecem, como a dor de cabeça com vistos, seguros de saúde e a busca por um lugar legal pra ficar. E manter a produtividade é complicado, porque novos ambientes e experiências podem acabar sendo uma baita distração. A distância de amigos e da família é um ponto negativo grande pra mim, porque fica difícil manter relacionamentos e você acaba perdendo muita coisa, tipo, aniversários, casamentos e por aí vai... uma vez passei o Natal sozinha São Petersburgo, foi bem deprimente.” (Entrevistada 14)

Dado que a solidão é definida como “um estado psicológico subjetivo que surge da discrepância entre os relacionamentos pessoais reais e ideais dos indivíduos” (Miguel et al., 2024, p. 4), é crucial levar isso em consideração ao discutir o nomadismo digital, ainda mais visível ao analisar as respostas dos entrevistados. De acordo com Miguel et al., (2024), alguém com uma vida social ativa pode relatar altos níveis de solidão percebida, enquanto outros podem levar uma vida relativamente solitária sem se sentirem solitários, à semelhança daquilo que é apontado pela Entrevistada 2:.

“Acho que os aspetos positivos consistem em conhecer lugares novos, pessoas novas, culturas novas, e poder explorar esse mundo que é tão grande. Isso me ensina muito sempre. E os pontos negativos são a saudade da família, e, apesar de conhecer muitas pessoas, sinto que os vínculos acabam sendo um pouco mais superficiais, já que logo nos despedimos.” (Entrevistada 2)

Observa-se também que alguns indivíduos fazem uma escolha consciente de passar mais tempo sozinhos, o que resulta em um menor grau de envolvimento social. A solidão emocional, explica Miguel et al., (2024), está relacionada com a ausência de um parceiro próximo, enquanto a solidão social percebida está vinculada à diminuição do círculo social. O Entrevistado 9, apesar de destacar a falta de um espaço físico próprio, também faz parte dos cerca de 65% dos entrevistados que destacam a dificuldade de manutenção de conexões estáveis, assim como a construção de relacionamentos. Esse conjunto de fatores o leva a questionar a viabilidade de continuar nesse estilo de vida a longo prazo, conforme se observa através do seguinte comentário:

“Por outro lado, o ruim é não ter um lugar fixo. Não tenho uma casa para chamar de minha, uma cama que eu comprei e escolhi, um quarto com as minhas coisas. Tipo, ter uma boa cadeira. São coisas pequenas, mas que fazem diferença. E, sinceramente, não acho que essa vida de nómada vai ser para sempre, não consigo manter relacionamentos, por exemplo.” (Entrevistado 9)

Após analisar as vantagens e desvantagens do nomadismo digital, a próxima fase do estudo direciona-se para compreender como os participantes selecionam os seus destinos e opções de alojamento, uma vez que esses elementos estão intrinsecamente ligados. As decisões sobre onde residir e que tipo de alojamento escolher não só espelham os anseios pessoais, mas também necessidades turísticas.

Perguntas, como "Como você escolhe seus destinos? Quais fatores são mais relevantes na sua decisão?", e "Como você escolhe suas acomodações ao redor do mundo?", são necessárias para compreender as motivações e as prioridades que norteiam esse tipo de decisão, variando desde o desejo de explorar novas culturas, conhecer pessoas, ter experiências diferentes, até à procura por conforto e praticidade nas residências temporárias. Os exemplos de comentários a seguir apresentados mostram uma variedade de fatores e motivações para escolher destinos, refletindo suas personalidades, vidas e objetivos.

O Entrevistado 13, por exemplo, enfatiza a importância da logística e da preparação financeira, selecionando lugares que permitam uma sequência eficaz de viagens. Esse método demonstra uma preocupação prática com a conservação de dinheiro e otimização de itinerários, o que pode ser interpretado como uma estratégia colaborativa, visto que a decisão é compartilhada com sua esposa, valorizando a importância do consenso e da participação na tomada de decisões:

“Eu escolho pra onde eu sou viajar pelo preço das passagens e pensando no próximo destino também. A questão de escolher lugares dos quais os próximos destinos estejam mais ou menos planejados, em questão de logística. Eu viajo com a minha esposa que também é nômada, então nós decidimos juntos pela vontade dos dois e dos lugares perto que a gente quer conhecer. Por exemplo: se vamos para a Ásia, penso em quais países quer conhecer em volta. “Para onde quero ir depois?” (Entrevistado 13)

A Entrevistada 8, por outro lado, destaca o desejo por experiências culturais e climáticas específicas, privilegiando climas quentes, grandes cidades ou apenas cidades que tenham estrutura para receber nômadas digitais. A sua escolha de destinos recentes, como Sydney e Bali, demonstra interesse por ambientes cosmopolitas que também proporcionem uma rede de pessoas que vivem da mesma forma, demonstrando a importância da socialização e do pertencimento para o bem-estar. Isso demonstra cuidado com a qualidade de vida e interações sociais que essas áreas podem oferecer:

“Eu gosto de escolher lugares que tenham um clima quente e que sejam cidades grandes também. A Califórnia sempre me atrai! Também me preocupo com a cultura local e com as experiências que posso ter, pra isso eu curto sempre ir pra Sydney porque é um mix diferente de cidade grande, super cosmopolita e uma vibe meio praia, mas ainda diferente da Califórnia. E claro, sempre dou uma olhada nas comunidades de nômadas digitais nesses lugares, porque é bom saber que você não tá sozinho nessa, por isso acabo sempre passando por Bali uma vez por ano.” (Entrevistada 8)

Em contraste, a Entrevistada 12 adota uma abordagem mais flexível e pessoal nas suas decisões, valorizando a oportunidade de reencontrar amigos e explorar novos lugares sem seguir um padrão fixo. Essa escolha reflete uma relação mais espontânea com o nomadismo digital, onde o desejo de vivenciar novas experiências e manter laços afetivos predomina sobre a procura por estruturas previamente definidas:

“não tenho um padrão de escolha não, como eu sou da Bahia que já é bem quente, eu procuro lugares diferentes disso, mas geralmente eu viajo pensando em encontrar os amigos que eu tenho pelo mundo. Tipo agora eu estou morando em Amsterdam, mas já morei em Buenos Aires e até em Cuba. Em Cuba eu não tinha amigos, por exemplo, foi mais vontade de conhecer mesmo... depende do lugar e da vontade que eu tenho no momento.” (Entrevistada 12)

Apesar das diferenças, todos os entrevistados reconhecem o valor da interação social e da experiência cultural. Em contextos desconhecidos, enquanto alguns procuram ativamente o calor humano e a diversidade de conexões sociais, outros valorizam aspectos mais objetivos, como o planejamento, o clima e a praticidade. A Entrevistada 10 exemplifica essa dinâmica ao relatar que, juntamente com seu namorado, seleciona destinos específicos para a prática de kitesurf, desporto que serve como ponto de conexão entre ambos. Ela menciona que se conheceram durante a prática dessa atividade no Brasil e, desde então, têm optado por destinos que favoreçam essa paixão partilhada, como as Ilhas Maurício, onde se encontrava no momento da entrevista. Essa escolha não reflete apenas a importância do desporto como um vínculo social, mas também demonstra como interesses partilhados podem moldar as decisões de viagem e permanência de nômadas digitais, indo além de considerações logísticas e ambientais, e envolvendo aspectos pessoais e afetivos, tal como é referido pela Entrevistada 10:

“No momento eu e meu namorado estamos buscando lugares pra praticar kitesurf. Ele é holandês e eu sou brasileira, nós nos conhecemos fazendo kite no Ceará e desde que começamos a namorar procuramos lugares pra praticar mesmo, agora a gente está nas Ilhas Maurício.” (Entrevistada 10)

Uma das características percebidas mais atraentes do nomadismo digital é a flexibilidade de escolher um local vai além de considerações práticas ou económicas e reflete um desejo de viver uma vida mais profunda e significativa, ou seja, o conceito de viver deliberadamente, que de Souza (2019) explora no seu livro “Nômade digital: Um guia para você viver e trabalhar como e onde quiser”.

A percepção no decorrer das entrevistas, é de que cada novo lugar é como se fosse uma tela em branco para novas experiências, como um recomeço contínuo. Outro aspecto relevante é que as decisões dos indivíduos são amplamente influenciadas pelas

suas experiências prévias, bem como pela necessidade de equilibrar as suas esferas pessoais e profissionais. Embora o estilo de vida nómada ofereça liberdade, não elimina a procura de serviços e estruturas, de modo que implica a adoção de uma dinâmica onde se preserva a autonomia pessoal, mas sem abrir mão de determinadas regras e de rotina, ainda que flexível.

A grande maioria dos entrevistados diz também que optam por se mover a cada dois a quatro meses. Como Bozzi (2020) aponta, os nómadas digitais criam múltiplos locais de residência, enfatizando que o conceito de residência, casa, ou lar, pode variar amplamente e não se limita a um local geográfico fixo. A presença de uma base fixa, no caso daqueles que ficam entre dois e quatro meses nos locais, pode ser benéfica para reduzir custos e promover um estilo de vida de "slow travel", permitindo um equilíbrio entre a mobilidade e a estabilidade. Neste contexto, os espaços de *coliving* e a plataforma Airbnb emergem como soluções principais, oferecendo essa infraestrutura que permite a mobilidade. Apenas 12% dos entrevistados não utilizam estas opções, principalmente pelo custo. E mesmo que os *colivings* pareçam ideais para este estilo de vida, os entrevistados apontam que preferem se hospedar em Airbnbs exatamente pela necessidade de se ter uma casa, mesmo que temporária. Dessa forma, coloca Bozzi (2020), a ideia de "casa" para os nómadas digitais redefine-se como um sentimento de pertença, que se estabelece não apenas num lugar físico, mas também nas conexões que eles formam ao longo das suas jornadas.

“Ah, eu tenho algumas prioridades, eu sempre quero lugares tranquilos, limpos e com internet boa. A localização também é super importante! Gosto de estar em lugares onde, depois do trabalho, posso sair pra conhecer a cidade, ir num mercado bom, achar uns barzinhos, sem precisar usar muito transporte. E eu também já passei da fase de ficar em hostels, agora sempre fico em Airbnb porque eu tenho muitas reuniões todos os dias, também gosto de fazer minha própria comida, ter uma cama pra chamar de minha por um tempo. Até porque quando eu era mais nova e decidi viver trabalhando, eu fazia muito voluntariado pra conseguir bancar isso, agora que estou mais estável financeiramente, opto sempre por Airbnb.” (Entrevistada 5)

Essa mudança é um reflexo da maior estabilidade financeira alcançada ao longo do tempo, permitindo-lhe valorizar conforto e conveniência. A sua escolha é por alojamentos que ofereçam tranquilidade, boa localização e serviços adequados para o trabalho remoto. Além disso, a Entrevistada 5 destaca a necessidade de viver em lugares com facilidade de acesso a atividades de lazer, como mercados e bares, o que

denota mais uma vez uma procura por equilíbrio entre trabalho e vida social. Essa decisão também demonstra a transição de uma fase de adaptação, como a vivência de se hospedar em *hostels* e fazer voluntariado, para uma fase mais estável e voltada para a construção de uma base temporária mais alinhada às suas necessidades atuais.

A Entrevistada 16, além de citar a solidão enfrentada pelo nomadismo, apresenta preocupações semelhantes à Entrevistada 5. Contudo, ainda adicionou a exigência de alojamentos que aceitem animais de estimação. Enfatiza a importância de um bom ambiente, também citando a localização do local de alojamento como fatores importantes para se sentir bem, reforçando a noção de que os alojamentos devem refletir não apenas a funcionalidade, mas também um espaço agradável.

“Antes eu me sentia muito sozinha, daí adorei minha cachorrinha e viajo com a Tequila, escolho Airbnbs que aceitem pets e que sejam confortáveis também. A limpeza e a qualidade da internet também são muuuuito importantes, porque preciso de um espaço que funcione como escritório quando estou trabalhando e acabo passando muito tempo em casa. Além disso, gosto de lugares que tenham uma vibe legal e que sejam bem localizados, assim posso conhecer a cidade à vontade. Agora eu estava em Marseille, perto da praia, o prédio era meio antigo, mas o apartamento renovado, isso já uma sensação boa sabe?” (Entrevistada 16)

O Entrevistado 15, por outro lado, tende a escolher os *colivings*, colocando uma preferência por uma vida mais comunitária. A sua decisão é indicativa de uma mudança em direção ao nomadismo digital, enfatizando a praticidade de um local que promove a conexão social, bem como o trabalho e a diversão. De acordo com seu relato, o custo-benefício do modelo de *coliving* compensa, no entanto, somente dois (12%) entrevistados disseram que preferem *colivings*, a maioria ainda opta por *Airbnbs*.

“atualmente eu moro num coliving no Porto... eu conheci esse conceito quando morei em Londres, e acabo achando que o custo-benefício compensa pra quem não tem muita coisa. Eu só tenho roupas e um computador, então acabo achando mais fácil morar nesses lugares. Fora que tem espaço pra trabalho, academia, acaba compensando... eu já fiquei em airbnb, mas achei muito solitário, aqui pelo menos, acabo conhecendo um ou outro” (Entrevistado 15)

De acordo com Bozzi (2020), e que também vai ao encontro das repostas recolhidas através das entrevistas, o *coliving* é uma escolha que ainda se está a tornar popular entre os nómadas digitais que viajam sem companhias, pois dá-lhes acesso a

comunidades com ideias semelhantes e ajuda-os a encontrar um equilíbrio e melhorar as suas experiências nos locais, já que essas pessoas geralmente possuem objetivos que se assemelham. A este respeito, a Entrevistada 4 demonstra uma abordagem prática para escolher alojamentos, centralizando a importância da experiência local e da interação com a comunidade no processo de tomada de decisão:

“Normalmente, eu chego nos lugares primeiro em um Airbnb e depois que eu entendo qual o bairro ideal e qual o local ideal para procurar uma casa para alugar mensal, eu começo a procurar e depois me mudo. Normalmente funciona em qualquer lugar conversar com as pessoas pelo bairro perguntando sobre locais para alugar, e grupos de Facebook de aluguel sempre funcionam também.” (Entrevistada 4)

Ao começar a sua estadia num Airbnb, permite-se explorar o ambiente e encontrar o bairro que melhor atende às suas necessidades antes de se comprometer com um aluguer de longo prazo. Esse comportamento é também consistente com entrevistas anteriores, que mostraram que os nómadas digitais valorizam conforto, conveniência e um senso de pertença. O fato é que a seleção de moradia é frequentemente influenciada por aspetos como qualidade da internet, proximidade de serviços e oportunidade de socialização, combinando com a crescente popularidade do *coliving* como uma solução que não atende apenas às procuras práticas, mas também cria relacionamentos sociais essenciais (Bozzi, 2020).

Além das estruturas de alojamento, o uso de outros tipos de espaços que estão a direcionar as atenções para este segmento de mercado está também diretamente relacionado com a exigência de manter uma rotina produtiva e social enquanto se trabalha remotamente. A título de exemplo, referem-se os espaços de *coworking* mas também estabelecimentos de restauração e bebidas, como é o exemplo dos cafés da marca Starbucks que nos últimos anos têm direcionado as suas estratégias de marketing também para este mercado. Esses locais fornecem não apenas infraestrutura suficiente, como internet rápida, mas também possibilidades de *networking* e envolvimento com outros profissionais, o que ajuda a promover um sentimento de pertença em relação às cidades escolhidas por esses indivíduos.

De acordo com a pesquisa de Bozzi (2020), os nómadas digitais dependem da disponibilidade de espaços, serviços e infraestruturas, como locais de trabalho flexíveis, como cafés ou *coworkings*, acomodações adaptadas, como *colivings* ou apartamentos para alugar, serviços de lazer e, finalmente, infraestruturas de transporte locais, nacionais e internacionais. Sendo assim, conforme a análise das entrevistas, de um

modo geral, as preferências dos nômadas digitais para usar espaços de *coworking* e cafés para trabalhar podem variar. O Entrevistado 13, por exemplo, gosta de evitar instalações de *coworking* e coliving pois acredita que são impessoais. Ele prefere trabalhar em cafés para aproveitar a culinária local e se conectar com outras pessoas, mas também valoriza a conveniência de trabalhar no local onde reside/está hospedado:

“Eu não costumo ir pra coworkings ou colivings, porque eles me dão uma sensação de vida robotizada e impessoal. Prefiro trabalhar de cafés, assim consigo aproveitar e experimentar a culinária local. Fora os cafés, gosto de trabalhar em casa mesmo.”
(Entrevistada 13)

A Entrevistada 4 divide seu tempo entre trabalhar em casa, cafés e locais de *coworking*, conforme as suas necessidades. Aprecia a disciplina de trabalhar em casa, mas tenta mudar de local toda semana para se manter motivada. Os espaços de *coworking*, embora pagos, são eficientes em sua opinião, enquanto nos cafés, por serem estabelecimentos comerciais de restauração, estão geralmente associados a consumos obrigatórios. No entanto, ambos os lugares têm o potencial de melhorar o foco e a produtividade, demonstrando a importância de uma variedade de locais para atender às diversas procuras de trabalho dos nômadas digitais, conforme refere a Entrevistada 4:

“Utilizo sim. Normalmente vou mais para cafés, mas nesse momento por exemplo eu estou te respondendo em um coworking em Bali. No geral, eu sou uma pessoa bem disciplinada para trabalhar em casa, eu gosto de trabalhar em casa, então isso não é um problema para mim. Mas gosto de mudar de ambiente, pelo menos uma vez na semana, ainda mais quando tenho uma tarefa desafiadora pra fazer, gosto de sair de casa para isso. Gosto muito de ir para um café ou coworking nesse caso. Coworkings são lugares assertivos para trabalhar, funciona super bem, mas você paga pelo espaço. Os cafés requerem bom senso das pessoas, para não ocupar espaços, fazer reuniões ou ficar muito tempo sem consumir nada. Normalmente eu fico menos tempo nos cafés, mas já me ajuda a trabalhar algumas horas mais focada.” (Entrevistada 4)

As respostas dos entrevistados revelam um consenso em relação às preferências de ambientes de trabalho, independentemente das diferenças no estilo de vida ou nas condições financeiras. Seja optando por cafés, *coworkings* ou pela comodidade de trabalhar em alojamentos (por exemplo, do tipo Airbnb), é evidente que a maioria dos nômadas digitais valoriza a flexibilidade na escolha desses espaços. Além disso, a

qualidade do ambiente de trabalho – principalmente no que diz respeito ao conforto e à disponibilidade de uma internet rápida e estável – surge como um fator decisivo, influenciando tanto a seleção dos destinos quanto o nível de satisfação e regresso a esses locais. Como tal, é essencial explorar os desafios que os nómadas digitais encontram nos destinos visitados. Além de considerações práticas, como acesso à internet e conforto, questões maiores, como leis de visto, infraestrutura local e segurança, também são destacadas como barreiras. Algumas dessas barreiras são destacadas pela Entrevistada 1:

“Os vistos são um pesadelo, principalmente na Ásia ou na América do Norte. É horrível não poder ficar descansado num lugar. A barreira linguística em países menos desenvolvidos também é um entrave, mas nada que não se resolva.” (Entrevistada 1)

De facto, os resultados das entrevistas revelam uma preocupação comum recorrente entre os nómadas digitais e viajantes, que tem a ver com as dificuldades relacionadas com a obtenção de vistos. A este respeito, a Entrevistada 7 destaca os desafios enfrentados por aqueles que não possuem uma relação formal de trabalho, um obstáculo comum para nómadas digitais cujas formas de emprego não se alinham aos requisitos tradicionais impostos pelos governos. Esta limitação burocrática pode comprometer planos de viagem e também gera incerteza pois restringe as opções de destinos e, conseqüentemente, afeta a liberdade geográfica.

“Uma coisa que me incomoda muito são as dificuldades com vistos. Como eu sou nómada digital, e não tenho um vínculo formal de emprego no Brasil, algumas vezes já tive problemas com vistos que exigem comprovante de renda ou contrato de trabalho. E, como viajo bastante, esses entraves podem atrapalhar meus planos.” (Entrevistada 7)

O testemunho da Entrevistada 14 ilustra também as dificuldades que os nómadas digitais podem enfrentar ao se adaptar a diferentes culturas, um tema que surgiu nas análises anteriores, em que alguns participantes destacaram as complexidades associadas à transição entre destinos. A insatisfação com a comida, por exemplo, ressalta uma característica importante da vida nómada: o desejo de conforto e familiaridade num novo ambiente. Além disso, a sensação de insegurança como mulher viajando sozinha evidencia a necessidade do sentimento de segurança e do acolhimento num novo destino, destacando-se que a experiência de ser um nómada digital não se limita à mobilidade, mas também envolve a necessidade de se sentir à

vontade e protegido no lugar onde se está. Esses desafios vão, por sua vez, ao encontro dos elementos culturais e socioeconômicos que são tidos em conta no momento de escolher o lugar para onde viajar. Estes desafios são evidenciados pela Entrevistada 14:

“Vou falar do desafio que tô enfrentando agora: estou em Istambul e não curto a comida. Fica difícil manter uma alimentação saudável e comer bem. Além disso, a cultura aqui é tão diferente que eu não tô conseguindo me conectar. A parte turística é incrível, a cidade tem muita coisa legal pra ver, mas viver como uma local tá complicado. E, pra ser bem sincera, é a primeira vez que não me sinto confortável sendo mulher sozinha.”
(Entrevistada 14)

Também a Entrevistada 10 e a Entrevistada 6 exploram as experiências variadas dos nômadas digitais em relação às acomodações e, de novo, à burocracia de vistos. A Entrevistada 10 destaca a necessidade de maior facilidade e opções de aluguer que atendam à dinâmica, enfatizando que a aceitação do passaporte brasileiro em muitos países não é uma barreira para ela.

“Agora, se tem uma coisa que eu acho que podia melhorar pra gente que vive assim, é a questão das hospedagens. Podiam facilitar mais, sabe? Ter mais opções de aluguel, mais prático, com centros de aluguéis que entendessem as necessidades de quem tá sempre mudando. E, felizmente, a questão de visto não é um problema pra mim. Eu sempre fico três meses em cada lugar, e o passaporte brasileiro é bem aceito em muitos países. Então, nesse sentido, tá tudo certo.” (Entrevistada 10)

A Entrevistada 6, por outro lado, destacou sua insatisfação com a infraestrutura que é muitas vezes disponível de forma precária, citando a necessidade de internet de alta qualidade e opções espaços de *coworking* econômicos, bem como um desejo por leis de residência temporária mais claras, nesse caso, vistos.

“Adaptar a novos lugares sempre tem suas dificuldades, e os vistos também são um desafio. E, sinceramente, adoraria ver mais lugares com internet boa e coworkings que não sejam tão caros. Além disso, políticas de residência mais claras ajudariam muito a gente que vive desse jeito.” (Entrevistada 6)

A dinâmica das respostas mostra que, embora os nômadas digitais entrevistados estão satisfeitos com sua experiência de mobilidade, ainda assim enfrentam desafios

que têm impacto direto em sua qualidade de vida e produtividade, enfatizando a necessidade de soluções mais integradas e claras, adaptadas às procuras desse estilo de vida. Ao analisar as propostas e comentários feitos pelos entrevistados sobre como os destinos turísticos podem posicionar-se melhor para atender às procuras dos nómadas digitais, entende-se que há um desejo crescente por políticas e serviços mais inclusivos que levem em consideração as características específicas desse público.

A análise da pergunta: Quais propostas/sugestões gostaria de indicar para que os destinos turísticos possam posicionar melhor ou adaptar a este segmento dos nómadas digitais? Identificar essas recomendações e analisar como colocá-las em prática pode ajudar os nómadas digitais, além de melhorar a experiência do viajante, atraindo esses grupos demográficos e impulsionando o turismo internacional.

Todas as entrevistas fornecem percepções sobre os pensamentos e recomendações desses profissionais. A Entrevistada 4 destaca a importância de uma rede mais conectada que incorpore a infraestrutura existente, como alojamento, espaços de *coworking* e cafés, bem como atividades sociais. Esse método tem o potencial de estabelecer um ecossistema que não apenas ajuda os nómadas digitais a se adaptarem aos novos destinos, mas também promove um senso de pertencimento e comunidade. O desejo de se sentir em casa, mesmo por curtos períodos, indica a procura por laços pessoais e profissionais, bem como experiências reais, que são essenciais para o aproveitamento e, como resultado, o retorno e desenvolvimento turístico dos locais.

“Acho que é bem legal ter um mapeamento conectado que mostra a infraestrutura para nómadas, como acomodações ideais, coworkings, cafés, e etc. É legal ter um ecossistema de eventos para as pessoas se conhecerem, e tours para mostrar o local de uma maneira cultural e local. Todo nómada quer se sentir em casa onde está. E isso que nos faz voltar a certos lugares. Ninguém quer se sentir estranho onde está. Todos querem pertencer, nem que for por 3 meses.” (Entrevistada 4)

O Entrevistado 15 identifica a documentação como um grande obstáculo para nómadas digitais:

“Creio que a primeira e principal barreira entre mudar deste para aquele país seja a garantia de documentação adequada.” (Entrevistado 15)

Garantir documentos adequados é essencial para uma mobilidade bem-sucedida e esse ponto de vista é também compartilhado pelo entrevistado 1, que enfatiza a necessidade de simplificar e agilizar o procedimento de visto, principalmente em uma situação em que o emprego remoto está se tornando a norma:

“Sem dúvida, melhorar os vistos. Aumentar o tempo de estadia desde a entrada no país era um forma muito completa de tornar esses destinos mais apelativos.” (Entrevistada 1).”

Cerca de 90% dos entrevistados relataram que estender a duração da estadia e simplificar os procedimentos de visto não apenas tornaria os destinos mais atraentes, mas também encorajaria os nômadas digitais a permanecerem por mais tempo, resultando em vantagens econômicas para as comunidades locais.

Por fim, as Entrevistadas 2 e 3 discutem sobre alojamentos e adaptação de infraestrutura a fim de atender às necessidades dos nômadas digitais:

“Acho que as hospedagens podem investir mais em espaços adequados para trabalho, como uma mesa e cadeira ergonômicas, e como disse antes, internet de qualidade.” (Entrevistada 2)

“Apesar de saber que o trabalho remoto veio para ficar, vejo ainda que muitos lugares e empresas precisam se adaptar a essa nova realidade. No entanto, sinto que o setor privado, pelo menos onde estou neste momento, já busca oferecer bastantes condições e facilidades para quem opta por essa modalidade de trabalho. No âmbito dos governos, vejo que novas leis e normas surgem a cada dia para regulamentar e garantir direitos. Tudo isso é um bom caminho para nos incentivar a continuar buscando e apostando nessa nova realidade de trabalho.” (Entrevistada 3)

Enquanto a Entrevistada 2 sugere que as estruturas de alojamento devem investir em espaços adequados para o trabalho, como mesas e cadeiras ergonômicas, a Entrevistada 3 observa que o setor privado já está a começar a adaptar-se a essa nova realidade. Investir em ambientes de trabalho que combinem conforto e funcionalidade é fundamental para certificar que os nômadas digitais possam realizar suas tarefas conforme as necessidades desses indivíduos. A adaptação não apenas melhora a experiência desses viajantes, mas também posiciona os destinos como inovadores e

recetivos, capazes de atender a um novo perfil de trabalhadores que valorizam a mobilidade e a flexibilidade.

É possível identificar, com base nas respostas dos entrevistados, que os seus projetos de vida e carreira (trabalho) estão imbricados e impactam na escolha dos destinos para moradia temporária. Embora relacionada a subjetividade dos sujeitos, um novo questionamento surge dessa relação que envolve o reconhecimento profissional e a respetiva produtividade. Uma futura pesquisa deve procurar identificar o quanto os nómadas digitais realizam atividades com melhor desempenho quando comparados a outros profissionais com jornadas e relações de trabalho mais tradicionais. Consequentemente, os locais de locação e estadia impactam no rendimento dos nómadas digitais? O desejo de ter uma melhor estrutura de conexão com a internet, acesso à rede elétrica, segurança, distanciamento do grupo familiar, comodidade de acesso a bens e serviços, maior ou menor sociabilidade com outros profissionais presencialmente, condições financeiras (taxa de câmbio), fuso horário, localização geográfica, cultura local e burocracia para deslocamento entre países, são fatores apontados pelos entrevistados como de grande importância. Portanto, conhecer o quanto a produtividade desses profissionais está diretamente relacionada às condições externas oferecidas pelas operadoras de destinos turísticos, pode ser caracterizado como um diferencial na oferta desse tipo de serviço.

Na atualidade, não só as empresas são transnacionais, os indivíduos realizam atividades e deslocam-se de maneira transnacional. O nomadismo digital é sua máxima expressão e está em franco desenvolvimento, as empresas e governos que reconhecerem esse novo estilo de vida e de trabalhar podem beneficiar comunidades locais, empresariais e o bem-estar de profissionais que pensam o mundo sem fronteiras e percebem que a condição sedentária das relações e instituições (casa, escola e trabalho) não atende a nova realidade das conexões. O nomadismo digital significa uma reconfiguração das muitas sociabilidades que perpassam a sociedade, é merecer atenção.

5. CONCLUSÃO

Esta pesquisa qualitativa investiga o fenômeno do nomadismo digital, com foco nas preferências e critérios de seleção de nômadas digitais para destinos de viagem e hospedagem. O estudo explora as transformações enfrentadas pela indústria do turismo desde a pandemia da COVID-19, enfatizando como a mobilidade, o desenvolvimento de tecnologia e a flexibilidade interagem para influenciar as experiências dos nômadas digitais. Conclui-se que a COVID-19 acelerou a implementação de políticas de trabalho remoto, exigindo que indivíduos e organizações se ajustem a novas circunstâncias. Em consequência, implicações importantes são consideradas para as escolhas residenciais, de turismo e de trabalho feitas pelos nômadas digitais.

Os resultados apresentados atendem o objetivo da pesquisa que foi compreender o estilo de vida dos nômadas digitais, bem como suas preferências e critérios específicos na escolha de destinos e acomodações. A metodologia empregada utilizou como instrumento a aplicação de uma entrevista com perguntas semiestruturadas, realizada por meio de uma ferramenta de videochamadas. No total, dezesseis participantes e a maioria era brasileira, do gênero feminino e com Ensino Superior concluído, esse último destaca o grande capital social e cultural das entrevistadas.

Os objetivos específicos garantiram que a pesquisa centrasse as ações na identificação do estilo de vida dos nômadas digitais, sua opção por essa alternativa que difere do modelo tradicional de trabalho, a mediação entre seu bem-estar e alta produtividade no mercado de trabalho. A resposta dos Entrevistados permitiu identificar fatores que causam preocupação ou fazem parte do interesse na tomada de decisão sobre a escolha dos locais de moradia temporária.

A análise teórica apresentada nesta pesquisa fornece diferentes percepções sobre os desafios e oportunidades que os nômadas digitais enfrentam, incluindo questões relacionadas a vistos, infraestrutura e a necessidade de espaços de trabalho adequados. Os dados recolhidos revelam que, apesar da flexibilidade e liberdade associadas ao nomadismo digital, muitos indivíduos ainda enfrentam barreiras que dificultam a experiência de alguma forma, como a solidão e a dificuldade de criar relações duradouras. Posto isso, destaca-se a importância de soluções mais integradas e adaptadas às procuras específicas desse estilo de vida, que não apenas melhorem a qualidade de vida dos nômadas, mas também fortaleçam a economia local e o setor de turismo. As diversas comunidades de nômadas digitais servem como suporte com trocas de experiências e indicações de melhores roteiros turísticos e profissionais.

Portais ou aplicativos interessados nesse público consumidor devem perceber a necessidade de incluir na descrição das hospedagens filtros específicos com características atrativas aos nômadas digitais, além de pensar na ergonomia do mobiliário, já que são pessoas que permanecem boa parte do tempo na residência e não fora dela, como no tradicional turismo cultural e de eventos (congressos, esportivos, festivais, religiosos etc.).

As diversas comunidades de nômadas digitais servem como suporte com trocas de experiências e indicações de melhores roteiros turísticos e profissionais. Portais ou aplicativos interessados nesse público consumidor devem perceber a necessidade de incluir na descrição das hospedagens filtros específicos com características atrativas aos nômadas digitais, além de pensar na ergonomia do mobiliário, já que são pessoas que permanecem boa parte do tempo na residência e não fora dela, como no tradicional turismo cultural e de eventos (congressos, esportivos, festivais, religiosos etc.).

A mediação para comprovação de uma relação empresarial e/ou trabalhista dos nômadas digitais pode ser uma aplicação importante a ser desenvolvida e legitimada para garantir agilidade nos trâmites burocráticos que envolvem o visto de trabalho e permanência em determinadas regiões do globo. Os portais e aplicativos devem somar esforços para incentivar e garantir a regulamentação do nomadismo digital por governos e nações.

Ademais, este estudo destaca a relevância dos espaços de convivência - sendo estes *hostels*, *coworkings*, *colivings* e/ou cafés para trabalho, assim como as comunidades formadas por nômadas digitais, que oferecem suporte social e profissional, contribuindo para um sentimento de pertencimento e conexão em um ambiente muitas vezes efêmero. Ao enfatizar a necessidade de ambientes de trabalho que atendam às exigências dos nômadas digitais, como internet de alta qualidade e estruturas que favoreçam o trabalho colaborativo, esta pesquisa abre caminhos para futuras investigações que busquem entender melhor as dinâmicas sociais e econômicas associadas a essa nova forma de viver e trabalhar. A proposta² da Ministra do Turismo do Brasil, Daniela Carneiro, que incentiva a criação e desenvolvimento de vilas para nômadas digitais, mostra a importância desse novo mercado de turismo. Portanto, o nomadismo digital não é apenas uma tendência, mas sim uma forma de vida que

² Meu escritório é na praia: lugares paradisíacos do Brasil para trabalhar de forma digital. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/meu-escritorio-e-na-praia-lugares-paradisiacos-do-brasil-para-trabalhar-de-forma-digital>.

promove inovação, resiliência e uma constante reinvenção, desafiando as noções tradicionais de trabalho e residência.

Em síntese, os principais resultados desta investigação permitem destacar as seguintes conclusões:

- Tem-se verificado, nos últimos anos, um crescimento sustentado do nomadismo digital, impulsionado, em grande medida, pela pandemia da Covid-19 e pelos avanços tecnológicos que facilitaram a generalização do trabalho remoto.
- As transformações nos estilos de vida e nos modelos de trabalho, cada vez mais mediados pelas tecnologias digitais, têm contribuído de forma significativa para a consolidação deste fenómeno.
- O segmento dos nómadas digitais evidencia necessidades específicas ao nível dos serviços e das infraestruturas, nomeadamente alojamentos adaptados, acesso fiável a redes de comunicação e transportes, bem como espaços de trabalho adequados à sua realidade profissional.
- Trata-se de um segmento estreitamente ligado ao turismo, na medida em que usufrui de serviços turísticos e exerce um impacto direto nos destinos, influenciando a sua dinâmica económica, social e territorial.
- Assim, os destinos turísticos que pretendam atrair este perfil de visitante devem orientar as suas estratégias para a oferta de serviços e equipamentos ajustados às suas exigências, bem como para a minimização de barreiras burocráticas que possam limitar a sua mobilidade e permanência.

5.1 Limitações e investigações futuras

Embora este estudo tenha oferecido uma revisão das características e fatores que influenciam a escolha de locais turísticos pelos nómadas digitais, algumas limitações e oportunidades para pesquisas futuras devem ser observadas. Um aspeto importante a ser investigado é o impacto económico, social e cultural de longo prazo do nomadismo digital nas comunidades anfitriãs. Compreender como estas viagens afetam as economias locais, os mercados imobiliários e o desenvolvimento de infraestruturas poderá oferecer uma perspetiva mais abrangente deste fenómeno. Além disso, à medida que o nomadismo digital se torna mais prevalente, será fundamental explorar como as estruturas legislativas e políticas se ajustam para acomodar esta população. A implementação e a utilidade dos vistos para nómadas digitais, bem como o papel dos governos e do setor comercial em auxiliar trabalhadores remotos, podem abrir caminho a pesquisas futuras. Também seria interessante analisar como os destinos adaptam os seus serviços e infraestruturas, como espaços de *coworking* e conectividade digital, para atender às necessidades especiais deste grupo demográfico.

Outra área promissora para investigações futuras é a análise de contextos geográficos e culturais diversificados, especialmente em regiões menos representadas na literatura atual. Compreender como as condições locais, como o custo de vida, a acessibilidade cultural e as infraestruturas, influenciam as experiências dos nómadas digitais pode fornecer novas perspetivas sobre este estilo de vida. Abordagens metodológicas mistas, que combinem dados qualitativos e quantitativos, podem fornecer uma análise mais completa e representativa à medida que mais dados de investigação estejam disponíveis.

Finalmente, embora este estudo tenha se concentrado em nómadas digitais adultos, pesquisas futuras podem incluir subgrupos específicos, como famílias nómadas ou indivíduos em várias fases da vida, cujas necessidades e motivações podem diferir drasticamente.

Concluindo, embora este estudo lance luz sobre um tópico relevante e em desenvolvimento, há diferentes panoramas a explorar em pesquisas futuras sobre nómadas digitais, o que contribuirá para um melhor conhecimento deste setor e para a adaptação bem-sucedida dos locais turísticos à procura deste público-alvo.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. (2024). An insight into the journey of digital nomads in Portugal. <https://doi.org/10.58869/2024.ICABM.02>
- Acobia, O. (2021). O mercado turístico global na perspectiva geográfica de Milton Santos. *Ateliê do Turismo*, 5(2), 245-264.
- Akhavan, M., Hölzel, M., & Leducq, D. (2023). European narratives on remote working and coworking during the COVID-19 pandemic: A multidisciplinary perspective. In *Remote Work and Collaboration: A Multidisciplinary Perspective* (pp. 35-52). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-26018-6>
- Almeida, M., De Souza, J. M., Correia, A., & Schneider, D. (2023). Post-COVID-19 digital nomadism: Beyond work from (almost) anywhere. *Journal of Remote Work and Telecommuting*, 9(2), 45-60. <https://www.researchgate.net/publication/37626598>
- Almeida, M., Moreira de Souza, J., & Schneider, D. (2021). COVID-19 as opportunity to test digital nomad lifestyle. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/350099120>
- Andrade, T., Dias, Á., Patuleia, M., & Pereira, L. (2023). Digital nomads' willingness to stay: A combined analysis of SEM and fsQCA results. *Journal of Tourism and Services*, 14(27), 161-180. <https://doi.org/10.29036/jots.v14i27.586>
- Anyan, F. (2013). The influence of power shifts in data collection and analysis stages: A focus on qualitative research interview. *The Qualitative Report*, 18, 1-9. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2013.1525>
- Aroles, J., Bonneau, C., & Estagnasie, C. (2022). Romanticisation and monetisation of the digital nomad lifestyle: The role played by online narratives in shaping professional identity work. <https://doi.org/10.1177/13505084221131638>
- Ata, S., Arslan, H. M., Baydaş, A., & Pazvant, E. (2022). The effect of social media influencers' credibility on consumer's purchase intentions through attitude toward advertisement. *ESIC Market Economics and Business Journal*, 53(1), e280. <https://doi.org/10.7202/1065036ar>
- Bahri, M. T. (2024). Evidence of the digital nomad phenomenon: From "reinventing" migration theory to destination countries readiness. *Heliyon*. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e36655>
- Bahri, M. T. (2024). Evidence of the digital nomad phenomenon: From "reinventing" migration theory to destination countries readiness. *Heliyon*, 10(17), e36655. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e36655>
- Bairwa, K. M., & Patawari, S. (2022). Recent trends in tourism & hospitality. Eureka Publications.
- Balasanyan, S., & Gevorgyan, H. (2024). World in crises: Towards qualitative interviewing through existential questions. *The Qualitative Report*, 29(8), 2111-2132. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2024.6700>
- Berti, T., & Conceição, L. (2021). Voluntariado e democratização no acesso ao turismo por meio da plataforma digital Worldpackers. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 9(2), 270-288. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID21838>
- Berti, T., & Conceição, L. (2021). Voluntariado e democratização no acesso ao turismo por meio da plataforma digital Worldpackers. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 9(2), 270-288. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID21838>
- Berti, T., & Conceição, L. (2021). Voluntariado e democratização no acesso ao turismo por meio da plataforma digital Worldpackers. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 9(2), 270-288. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2021v9n2ID21838>

- Bozzi, N. (2020). #Digitalnomads, #solotravellers, #remoteworkers: A cultural critique of the traveling entrepreneur on Instagram. *Social Media + Society*, 6(2). <https://doi.org/10.1177/2056305120926644>
- Camilleri, M. A., & Camilleri, M. A. (2018). *The tourism industry: An overview*. Springer Nature.
- Capulso, L., Magulod, G., Luna, R., Odeth, L., Lanuza, L., Joy, M., Cruz, S., Jel, J., Cinco-Labaria, A., Joel, M., Merced, J., Meorom-Maute, K., Edel, M., Ali, M., Donato, P., Christy, R., & Soriano, S. (2022). How to write your thesis using qualitative research design.
- Cardoso, A., Pereira, S. M., Sá, J. C., Powell, D. J., Faria, S., & Magalhães, M. (2023). Digital culture, knowledge, and commitment to digital transformation and its impact on the competitiveness of Portuguese organizations. *Administrative Sciences*, 14(1), 8. <https://doi.org/10.3390/admsci14010008>
- Cook, D. (2020). The freedom trap: Digital nomads and the use of disciplining practices to manage work/leisure boundaries. *Information Technology & Tourism*, 22(4), 355-390. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00172-4>
- Cook, D. (2022). Breaking the contract: Digital nomads and the state. *Cultural Studies*, 36(1), 128-145. <https://doi.org/10.1177/0308275X221120172>
- Coscioni, V. (2024). A comprehensive theory of life projects: New insights into understanding motivation. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.28845.91360>
- Dagkouli-Kyriakoglou, M., Tulumello, S., Cocola-Gant, A., Iacovone, C., & Pettas, D. (2022). Digital mediated short-term rentals in the (post-)pandemic city. *Digital Geography and Society*, 3, 100028. <https://doi.org/10.1016/j.diggeo.2022.100028>
- De Souza, M. (2019). *Nómada digital: Um guia para você viver e trabalhar como e onde quiser* (1ª ed.). São Paulo: Autêntica Business.
- Duda, T. (2023). More regionality than globality – New trends and challenges of contemporary cultural tourism. *European Research Studies Journal*, 26(1), 89-105. <https://doi.org/10.35808/ersj/3269>
- Ehn, K., Jorge, A., & Marques-Pita, M. (2022). Digital nomads and the Covid-19 pandemic: Narratives about relocation in a time of lockdowns and reduced mobility. <https://doi.org/10.1177/205630512210849>
- Elinç, E., Aşikkutlu, H., & Kaya, L. (2023). Concept of co-living and its application: The case study of Padova. *Mehmet Akif Ersoy Üniversitesi İktisadi ve İdari Bilimler Fakültesi Dergisi*, 8, 54-66. <https://doi.org/10.30785/mbud.1258066>
- Fikry, A., Ashrene Syed Omar, S., Sani, A., Fikri Ishak, M., Husna Shuib, F., & Shazeer Bin Mohamed Thaheer, A. (2023). Digital nomads: Who are they? *International Journal of Academic Research in Economics and Management Sciences*, 12(2), 45-60. <http://dx.doi.org/10.6007/IJAREMS/v12-i2/17516>
- Genceli, D., Yüksek, G., & Uca, S. (2024). Travel insurance behaviors of digital nomads. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 16, 365-374. <https://doi.org/10.1108/WHATT-03-2024-0047>
- Hannonen, O. (2021). In search of a digital nomad: Defining the phenomenon. *Information Technology & Tourism*, 23(1), 45-63. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00177-z>
- Hermann, I., & Paris, C. M. (2020). Digital nomadism: The nexus of remote working and travel mobility. *Information Technology & Tourism*, 22(3), 329-334. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00188-w>
- Hinlayagan, K., Gratuito, K., Matillosa, S., & Laos, R. (2023). The factors influencing tourist decision-making on choosing a cultural destination. *International Journal of Tourism & Hospitality Reviews*, 10(2), 26-32. <https://doi.org/10.18510/ijthr.2023.1023>
- Janadari, N., & Preena, R. G. (2020). The gig economy and workforce. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/347151510>
- Ji, Y., Kim, S.-M., & Kim, Y. (2024). A way to attract digital nomads to tourist destinations in the new normal era. *Sustainability*, 16(6), 2336. <https://doi.org/10.3390/su16062336>

- Jiwasiddi, A., Schlagwein, D., Cahalane, M., Cecez-Kecmanovic, D., Leong, C., & Ractham, P. (2024). Digital nomadism as a new part of the visitor economy: The case of the “digital nomad capital” Chiang Mai, Thailand. *Information Systems Journal*. <https://doi.org/10.1111/isj.12496>
- Klegr, T. (2024). Comparing Airbnb and traditional accommodation experiences using text-mining methods – The hedonic and utilitarian values framework. *European Journal of Tourism Research*, 38, 3804. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v38i.3299>
- Koll, E. (2021). Coworking and coliving: The attraction for digital nomad tourists. In *Advances in hospitality and leisure* (pp. 233-247). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-65785-7_17
- Kozak, M., Cetin, G., & Alrawadieh, Z. (2024). Repositioning work and leisure: Digital nomads versus tourists. *International Journal of Tourism Research*, 26, e2732. <https://doi.org/10.1002/jtr.2732>
- Krasnokutskiy, P. A., Kulchittskij, A. V., Perova, T. V., Bystrova, N. V., & Khizhnaya, A. V. (2016). The main trends and prospects of development of international tourism. *International Journal of Economics and Financial Issues*, 6(8), 257-262.
- Kuthalingam, S. (2024). Digital nomadism and virtual workforce.
- Lacárcel, F. J. S., Huete, R., & Zerva, K. (2024). Decoding digital nomad destination decisions through user-generated content. *Technological Forecasting and Social Change*, 200, 123098. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2023.123098>
- Makimoto, T., & Manners, D. (1997). *Digital nomad* (1st ed.).
- Mariati, S., Gilitasha, A., Rahmanita, M., Djati, S., & Adawiyah, R. (2023). Analysis of sustainable tourism destination development for digital nomads (Comparative study: Lisbon-Portugal and Canggu, Bali-Indonesia). *Technium Social Sciences Journal*, 43, 403–415. <https://doi.org/10.47577/tssj.v43i1.8773>
- Massey, M., & Cain, L. (2024). Interviewing the interviewers: How qualitative professors assess interviews in their classes. *The Qualitative Report*. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2024.6041>
- Massey, M., & Cain, L. (2024). Interviewing the interviewers: How qualitative professors assess interviews in their classes. *The Qualitative Report*, 29(3), 1342-1361. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2024.6041>
- Merkel, J. (2022). Coworking spaces as destinations and new stakeholders in hospitality ecosystems. In N. Olbrich, J. Philipp, H. Thees, & H. Pechlaner (Eds.), *Towards an ecosystem of hospitality – Location: City: Destination* (pp. 140-147). Graffeg Limited.
- Miguel, C., Lutz, C., Perez-Vega, R., & Majetić, F. (2024). “Alone on the road”: Loneliness among digital nomads and the use of social media to foster personal relationships. *Media, Culture & Society*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/01634437241290087>
- Minton-Oglesby, S. (2023). *Mental health for digital nomads: Tips and guidance for remote workers facing isolation or work-life balance challenges* (1st ed.).
- Mirčetić, V., & Mihić, M. (2022). Developing smart tourism as a strategic approach to tourism challenges in the post-covid era. *Symorg Conference 2022*. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/362605373>
- Moreno-Gil, S., & Coca-Stefania, J. A. (2020). Overtourism and the sharing economy – Tourism cities at a crossroads. <https://doi.org/10.1108/IJTC-03-2020-174>
- Nair, L. (2023). Conducting qualitative management research with semi-structured interviews. <https://doi.org/10.4324/9781003107774-10>
- Navarrete, C. (2024). ScholarOne - Answering “why” beyond causality: Exploring (non) causal explanation in qualitative research. <https://doi.org/10.31124/advance.172427543.34805937/v1>
- Özgen Çiğdemli, A., Yayla, Ş., & Çiğdemli, B. (2024). The world from the perspective of digital nomads: Exploring sentiments in destination reviews. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 16(3), 303-315. <https://doi.org/10.1108/WHATT-03-2024-0044>
- Poulaki, I., Mavragani, E., Kaziani, A., & Chatzimichali, E. (2023). Digital nomads: Advances in hospitality and destination attractiveness. *Tourism and Hospitality*, 4(3), 483-498. <https://doi.org/10.3390/tourhosp4030030>

- Rasulov, S. (2021). Qualitative research of pull factors in destination choice for cultural and heritage tourism: European travellers and Central Asian destinations.
- Ratković, R., Jablan, M., & Liješević, M. (2022). Innovation in tourism as a model of recovery in the post-pandemic period. <https://doi.org/10.2478/eoik-2022-0017>
- Reichenberger, I. (2017). Digital nomads – A quest for holistic freedom in work and leisure. *Annals of Leisure Research*, 21(3), 364-380. <https://doi.org/10.1080/11745398.2017.1358098>
- Ria, E., Gumilang, A., Hutahaean, N., & Heriyati, P. (2024). Factors that determine tourist satisfaction and tourists' intention to return to tourist destinations in Tarutung. *Business and Entrepreneurial Review*, 23(2), 303-320. <https://doi.org/10.25105/ber.v23i2.18794>
- Richter, S., & Richter, A. (2020). Digital nomads. *Business & Information Systems Engineering*, 62(1), 77-80. <https://doi.org/10.1007/s12599-019-00615-1>
- Roberts, R. (2020). Qualitative interview questions: Guidance for novice researchers. *The Qualitative Report*, 25(9), 3185-3203. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4640>
- Rucci, A., & Porto, N. (2022). Accessibility in tourist sites in Spain: Does it really matter when choosing a destination? *European Journal of Tourism Research*, 31, 3108. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v31i.2165>
- Seiler, M., Siebert, R., & Yang, L. (2023). Airbnb or not Airbnb? That is the question: How Airbnb bans disrupt rental markets. *Real Estate Economics*, 52(4). <https://doi.org/10.1111/1540-6229.12440>
- Sharma, S. (2023). Data scientist in tourism: Needs, skills, and scope. In *International Handbook of Skill, Education, Learning, and Research Development in Tourism and Hospitality* (pp. 135-150). Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-99-3895-7_16-1
- Situmorang, F., & Karthana, E. (2021). Redesign rural tourism product based digital nomadism post-pandemic COVID-19 in Bali. *Jurnal Kepariwisata Destinasi Hospitalitas dan Perjalanan*, 5(2), 1-15. <https://doi.org/10.34013/jk.v5i2.513>
- Slinkova, O., Klimova, T., Vishnevskaya, E., Bogomazova, I., & Rogova, A. (2022). The main modern trends in the economy and society in the development of tourism. *Nexo Revista Científica*, 35(2), 345-362.
- Sysolyatin, A., Sozinova, A., Radko, I., & Volkov, S. (2023). Analyzing the level of involvement in volunteering. In *Proceedings of the 8th International Scientific Conference on Sustainability in Digital Economy* (pp. 453-465). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-46525-3_39
- Sztuk, A. (2023). Cities' attractiveness factors from the perspective of digital nomads. *Scientific Papers of Silesian University of Technology. Organization and Management Series*, 174, 1-23. <https://doi.org/10.29119/1641-3466.2023.174.23>
- Sztuk, A. (2024). Digital nomads as recipients and users of the city's offer. Status and prospects of research. *Scientific Papers of Silesian University of Technology Organization and Management Series*, 193, 633-644. <https://doi.org/10.29119/1641-3466.2024.193.35>
- Sztuk, A. (2024). Digital nomads as recipients and users of the city's offer: Status and prospects of research. *Scientific Papers of Silesian University of Technology Organization and Management Series*, 193, 633-644. <https://doi.org/10.29119/1641-3466.2024.193.35>
- Mahdawi, A. (2017). Silicon Valley thinks it invented roommates. They call it 'co-living'. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/nov/16/silicon-valley-thinks-it-invented-roommates-they-call-it-co-living>
- Thorne, S., Mentzer, N., Bartholomew, S., Strimel, G., & Ware, J. (2024). Learning by evaluating as an interview primer to inform design thinking. *International Journal of Technology and Design Education*, 1-18. <https://doi.org/10.1007/s10798-024-09933-2>
- United Nations Department of Economic and Social Affairs. (n.d.). Sustainable development. United Nations. <https://sdgs.un.org/>
- United Nations World Tourism Organization. (UNWTO, 2023, January 2024). Global tourism innovation forum. <https://www.unwto.org/events/global-tourism-innovation-forum>

- United Nations World Tourism Organization. (UNWTO, 2020, January 2024). International tourism growth continues to outpace the economy. <https://www.unwto.org/international-tourism-growth-continues-to-outpace-the-economy#:~:text=1.5%20billion%20international%20tourist%20arrivals%20were%20recorded%20in%202019%2C%20globally>
- United Nations World Tourism Organization. (UNWTO, 2024a, January 2024). Glossary of tourism terms. <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>
- United Nations World Tourism Organization. (UNWTO, 2024b, January 2024). What is tourism innovation. <https://www.unwto.org/what-is-tourism-innovation>
- van den Broek, T., Feiten Haubrich, G., Murero, M., Marx, J., Lind, Y., Brakel-Ahmed, F., Cook, L., Boer, P., & Razmerita, L. (2024). Digital nomads.
- Villaseñor, M. D. C. V., & Ortega, J. L. C. (2023). Destinos turísticos inteligentes: Condiciones necesarias para su proyección. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/373598156>
- von Zumbusch, J., & Lalicic, L. (2020). The role of co-living spaces in digital nomads' well-being. *Information Technology & Tourism*, 22(4), 407-423. <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00182-2>
- Wang, B., Schlagwein, D., Cecez-Kecmanovic, D., & Cahalane, M. (2020). Beyond the factory paradigm: Digital nomadism and the digital future(s) of knowledge work post-COVID-19. *Journal of the Association for Information Systems*, 21(6), Article 6. <https://doi.org/10.17705/1jais.00662>
- Wang, L., & Kirilenko, A. P. (2021). Do tourists from different countries interpret travel experience with the same feeling? Sentiment analysis of TripAdvisor reviews. In Wörndl et al. (Eds.), *Information and Communication Technologies in Tourism 2021*, 294–301, 2021. https://doi.org/10.1007/978-3-030-65785-7_27
- World Travel and Tourism Council. (2021). Trending in travel: Emerging consumer trends in travel & tourism in 2021 and beyond.
- World Travel and Tourism Council. (2022). Travel and tourism economic impact, global trends. Julia Simpson - President & CEO, World Travel & Tourism Council.
- Wörndl, W., Koo, C., & Stienmetz, J. L. (Eds.). (2021). Coworking and coliving: The attraction for digital nomad tourists. In *Information and Communication Technologies in Tourism 2021: Proceedings of the ENTER 2021 eTourism Conference* (pp. 202–209). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-56799-8_25
- Yan, L., Narayanan, E., Jambulingam, M., & Wang, L. (2024). Destination brand identity as a mediator between accessibility and tourist perception: Promoting Bama Yao as potential wellness tourist destination in China. *Turyzm/Tourism*, 34(1), 109-120. <https://doi.org/10.18778/0867-5856.34.1.10>
- Zatsepina, N. (2023). Trends and factors in the development of world tourism in the post-pandemic period. *Journal of Strategic and International Studies*, 4(1), 33-48. <https://doi.org/10.54517/st.v4i1.2338>
- Zhou, L., Buhalis, D., Fan, D. X. F., Ladkin, A., & Lian, X. (2024). Attracting digital nomads: Smart destination strategies, innovation and competitiveness. *Journal of Destination Marketing & Management*, 31, 100850. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2023.100850>

ANEXOS

Anexo I - Roteiro de perguntas – questionário semiestruturado

1. Gostaria que você falasse o seu nome, idade e nacionalidade;
2. Formação e ocupação atual;
3. Conte um pouco da sua trajetória até aqui... O que te levou a se tornar uma nómada digital, qual a “chavinha” virou para que você tomasse essa decisão de seguir esse estilo de vida?
4. Em média, em quantos locais por ano você visita/vive? (E a média de tempo em cada lugar. Por exemplo, se prefere ficar pouco ou mais tempo em uma só cidade.)
5. Quando você ‘migra’ de um lugar a outro, como é a questão da rotina/demandas de trabalho? Como você se organiza nesse sentido?
6. Quais são, na sua opinião, os aspetos positivos e negativos desse estilo de vida?
7. Como você escolhe os destinos e quais fatores são mais relevantes que influenciam a sua escolha? (Praia, cidade, culturas diferentes, calor, frio, surf, esportes em geral, estilo de vida do local...)
8. Importante: como você escolhe as suas casas pelo mundo? O que é essencial para você na hora de escolher as suas casas temporárias? (Nessa aqui, seria legal também dizer o que te faz escolher destino X ou Y e, nesses destinos, o que é importante na escolha das casas/apartamentos?)
9. Você utiliza espaços de *coworking* ou cafés nesses locais? *Please*, podes dizer teu ponto de vista sobre utilizar ou não esses espaços?
10. Que principais barreiras têm encontrado nos países/cidades que visita? (Políticas, vistos, segurança de viajar sozinha, infraestruturais etc.)
11. E, por último, quais propostas/sugestões gostaria de indicar para que os destinos turísticos se possam posicionar melhor ou adaptar a estes segmentos dos nómadas digitais?